FLÁVIO AMARAL

Que sacanagem?

Caçadores de pseudociência que não merecem mas precisam ser levados a sério

Sumário

Prefácio desta edição recapeada.....1

Introdução.....4

1. A pseudociência dos demarcadores.....6

1.1 Que miragem! O pseudo-objeto de pesquisa......6

1.2 Que chinelagem! Os pseudopesquisadores da demarcação......7

1.3 Que viagem! A pseudojustificativa demarcatória......9

1.4 Que fuleiragem! A pseudometodologia científica......12

1.5 Que estereotipagem! A pseudoanálise da realidade......15

1.6 Que cabotinagem! A pseudoética maniqueísta......16

1.7 Que malandragem! A pseudorrefutação por atacado......19

1.8 Que bandidagem! A pseudocrítica social......22

2. A pseudociência dos céticos e evidencialistas.....25

2.1 Que fanfarronagem! O pseudodebate pedante......25

2.2 Que tietagem! O pseudoapelo à razão......28

2.3 Que noiagem! A pseudoameaça imaginária......31

2.4 Que molecagem! O pseudomoralismo fofoqueiro......37

2.5 Que bricolagem! A pseudodescrição do objeto......39

2.6 Que garimpagem! As pseudoevidências anedóticas......43

2.7 Que selvagem! A pseudointerpretação calhorda......45

2.8 Que policiagem! O pseudodiagnóstico estigmatizante......48

3. A pseudociência da ciência burguesa.....54

3.1 Que camuflagem! A pseudocredencial dos desqualificados......55

3.2 Que estiagem! O pseudocombate ao obscurantismo......59

3.3 Que pilantragem! A pseudorrepresentação aristocrática......63

3.4 Que derrapagem! A pseudodefesa claudicante......66

3.5 Que traquinagem! A pseudossofisticação banal......69

3.6 Que picaretagem! A pseudodemocracia informada......73

3.7 Que capotagem! A pseudovitimização dos algozes......77

3.7 Que autossabotagem! A pseudovanguarda elitista......81

3.8 Que grilagem! O pseudoprogresso dos totalitários......83

Referências.....86

Prefácio desta edição recapeada

No dia 30 de setembro fui honrado por uma notificação extrajudicial da Associação Brasileira de Direitos Reprográficos (ABDR) e sua associada, a Editora Contexto, acusando-me de haver reproduzido, aqui, a capa do livro *Que bobagem! Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério,* de Natalia Pasternak e Carlos Orsi (2023).

Os notificantes fundamentaram-se na Lei dos Direitos Autorais (9.610/98), embora a mesma defina explicitamente reprodução como *cópia*. A capa do meu trabalho era uma *paródia,* ou seja, alusão ao livro da Contexto, dando-lhe outro sentido, não uma cópia.

Se cópia e paródia forem tratadas de maneira idêntica, não poderemos ter a imensidão de paródias musicais correntes no Brasil. O que fiz foi referir-me à capa de Pasternak & Orsi, aterando-lhe o sentido, como quem toma uma melodia composta por outro mas sobrepõe uma letra nova.

Ainda há quem afirme "quem não deve, não teme" mas qualquer um que tenha abandonado ilusões infantis sobre o Judiciário brasileiro sabe que as leis, já ambivalentes e *interpretadas* ao bel prazer dos juízes, cada vez mais parecem brotar da cabeça dos mesmos. É prudente temer qualquer um que possa pagar advogados mais caros.

De qualquer modo, lisonjea-me saber que, com pífia habilidade artística e simples editor de texto fui capaz de – aos olhos da ABDR – reproduzir uma capa da maior editora Brasil do gênero não-ficção.

Os reclamentes me deram 24 horas para remover a referida capa, obrigando-me a improvisar uma substituta, ainda mais apressadamente do que a primeira. A mesma se encontra na página seguinte, a título de registro, juntamente com a primeira capa e a do livro dos notificantes, para comparação.

Fui acometido pelo incômodo de ver os dias correrem sem ideias para uma capa nova, até que o óbvio ficou evidente: ciência não se faz com exaltação mas com perguntas. Pude finalmente me desapegar do pasternakiano ponto de exclamação e substituí-lo por uma *interrogação*.

Fica a cargo do leitor a decisão de pronunciar ou não os ponto de interrogação *(Que sacanagem?)* ou exclamação *(Que bobagem!)* desses títulos curiosos e zombeteiros, quando se referir ao presente livro ou ao de Pasternak & Orsi.

Além disso, uma nova seção foi incluída – de número 2.8 – para tratar de uma caraterística comum aos caçadores de pseudociência, que ficou bem ilustrada em vídeo mais recentemente (Sherman, 2024)

Costumo disponibilizar meus livros gratuitamente em PDF, e versões mais sofisticadas ou impressas em plataformas pagas (Amazon, Clube de Autores etc), onde o preço é estipulado pelo distribuidor e o retorno financeiro, minguado. Por isso a contribuição espontânea do leitor e sempre fundamental para sustentar projetos como este, e pode ser feita em pix, usando como chave os contatos listados abaixo.

13 de dezembro de 2024

Flávio Amaral
flavio.ferreira.amaral@gmail.com
(48) 99105-3080

Fig. 1 e 2: Capas de Pasternak & Orsi (2023) e da primeira edição do presente livro (2024), respectivamente

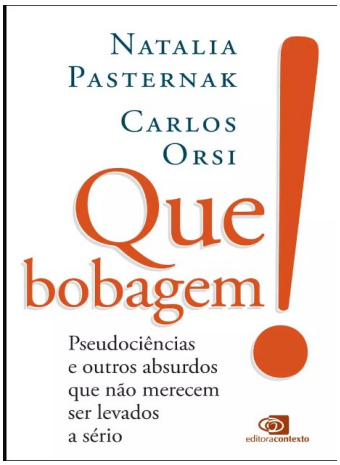
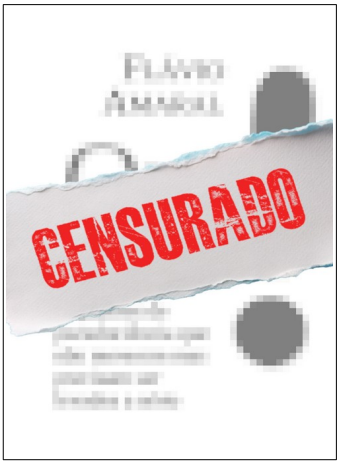


Fig. 3: Capa emergencial (01.10.2024) em atendimento à intimidação extrajudicial



Introdução

Não é mais novidade o lançamento do livro *Que bobagem! Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério*, de Natalia Pasternak e Carlos Orsi. Na sequência, inúmeros críticos apresentaram respostas acessíveis, expondo a pobreza de argumentação do casal (Azevedo; Barros; Canal da Lu Flor; Cultura Crítica; Diniz; Dunker; Filardi; Goldberg & Elia; Guimarães; Lerner; Manoel; Marques de Lima; Mulinari; Pimentel; Pinheiro; Psicamente; Ribeiro & Pereira; Safatle; Sater; TV GGN; TV Unicamp; 2023). A reação predominante foi em nome da psicanálise, indicando a força e organização deste campo. Para além disso, entidades médicas também lançaram notas de repúdio contra Pasternak, em defesa da acupuntura e homeopatia (AMBH; APH; CREMEGO; CREMERJ; CRM-ES; 2023).

Um livro de Luciano Elia (2023) foi lançado na mesma época, exemplificando como a ciência é discutida entre psicanalistas brasileiros. Outro foi produzido por Christian Dunker e Gilson Iannini (2023) em resposta aos caçadores de pseudociências. Não pretendo chover no molhado em relação à argumentação já exposta, muito menos fingir ter algo a contribuir para a teoria psicanalítica ou a filosofia da ciência, àreas sobre as quais sou um aprendiz leigo. Embora seja inevitável tangenciar esses assuntos, gostaria de me concentrar na dimensão política da perseguição a pseudociências, inclusive acerca da assim chamada *demarcação científica.*

Sozinho, *Que bobagem!* seria apenas uma bobagem. Mas uma bobagem contada um milhão de vezes se torna algo sério. O livro do casal não é raio em céu azul. Faz parte de uma

campanha persistente de ataque a práticas e saberes terapeuticos com apelo popular, travestida de nomes pomposos como *ceticismo* ou *ciência baseada em evidências*. Procurarei mostrar quem são e como agem esses publicitários disfarçados de cientistas, e o que há por trás dessa disputa. Assim como Pasternak e Orsi tiveram intenção carinhosa ao equiparar tantos saberes a *bobagens*, espero que tomem as críticas aqui, igualmente, como demonstração de carinho.

1. A pseudociência dos demarcadores.

A demarcação científica (esforço de diferenciar o que é ou não ciência) é apresentada como *vaca sagrada* – expressão cara a Pasternak – pelos caçadores de pseudociências. É compreensível que suas vítimas argumentem que não são pseudocientistas, mas isso é um aceite para jogar o jogo demarcacionista. Cabe, por outro lado, questionarmos se esse é um jogo legítimo.

1.1 Que miragem! O pseudo-objeto de pesquisa.

Um fantasma ronda a comunidade científica – o fantasma das pseudociências. De Hans Eysenck a estudantes de graduação, de blogueiros financiados pela *Big Pharma* a juízes do direito, da grande imprensa ao público leigo, quem nunca acusou seus adversários de não se guiarem pela ciência? E quem, ao ser rotulado de pseudocientífico, não argumentou que o rótulo não serve para si mas serve para outros?

Se há consenso entre filósofos da demarcação é não terem chegado a um consenso sobre a definição de pseudociência. Não desconfiam tratar-se de uma noção ideológica, não de um fenômeno objetivo.

Ciência é um título informal por meio do qual acadêmicos e não-acadêmicos disputam autoridade sobre o saber diante do público. Campos da "pesquisa dura", aplicada, vinculada ao grande capital, consideram como não-científicos ou menos científicos os setores ligados ao estudo da sociedade e da cultura. Ambos, com frequência, consideram *pseudo*científicas áreas que não têm espaço ou voz na academia.

Devido à mesma disputa, setores dominantes da ciência frequentemente mistificam suas práticas. Seus porta-vozes produzem teorias idealistas sobre como a ciência funciona, transmitindo uma ideia falsa e imaculada sobre o trabalho do cientista. Tais ideias também são usadas para cobrar dos concorrentes uma pureza que não existe em lugar algum. Isso afasta ainda mais as chances de acordo sobre o que *não* é ciência e, consequentemente, sobre um conceito ainda mais problemático: a *falsa* (pseudo) ciência.

Antes que os filósofos da demarcação encontrem a solução para essa quimera, a população se dará conta de que *pseudociência* – como na marcha das *vadias* – não passa de um clichê que não impressiona mais. É uma entre tantas forma de identificar setores marginais da sociedade. Conforme comentou certo internauta no lançamento de *Que Bobagem!:* "Sra. Pasternak, sou professor de yoga e gostaria de expressar minha indignação por *não* ver minha atividade mencionada em sua lista de pseudociências." Será prenúncio da hora em que profissionais e estudiosos venham a público *na condição de pseudocientistas*, expondo abertamente seus pontos de vista, opondo um manifesto próprio à lenda do fantasma pseudocientífico? Algo sólido se desmancha no ar e – ao contrário do que pensa Pasternak – não é a astrologia. São as instituições burguesas, dentre as quais, academias, institutos de pesquisa e laboratórios industriais.

1.2 Que chinelagem! Os pseudopesquisadores da demarcação.

O demarcacionismo está longe de ser pedra filosofal ou obra-prima de qualquer pesquisador. É atividade periférica

no currículo dos cientistas. Na amostra de Fasce (2017), dos 22 demarcacionistas analisados, dois se ocuparam predominantemente com a filosofia da ciência (Bunge, Thagard). Outros três, com a filosofia evolucionista que, embora importante, não esgota o assunto *ciência* (Vollmer, Dutch, Kitcher). Três têm pesquisa em física (Coker, Grove, Park). Três são psicólogos comportamentais e militantes de associações céticas (Beyerstein, Lack, Lilienfeld). Outros três são da área computacional ou lógica (Glymour, Gruenberger, Hansson). Apenas um é da área antropológica, mas de inclinação física-biológica (Skelton). Um é da sociologia (Tuomela). Seis demarcacionistas têm pesquisa acadêmica relativamente curta ou insignificante na filosofia da ciência (Derksen, Stalker, Rousseau, Ruse, Schick, Vaughn).

Portanto, predomina entre os demarcacionistas a tentativa de delimitar a ciência dentro de seus paradigmas naturalistas. Se tomarmos os cientistas com produção acadêmica expressiva (Coker, Dutch, Glymour, Grove, Gruenberger, Hansson, Tuomela), todos têm mais artigos publicados em suas respectivas especialidades (física nuclear, análise geológica, análise estatística, dinâmica dos fluidos, computação, análise de risco, ontologia social) do que a totalidade deles têm sobre ciência. A exceção é Mario Bunge. Ainda assim, a vasta bibliografia sobre ciência escrita pelo argentino contrasta com sua curta produção sobre demarcação.

Se a maioria dos demarcacionistas não é especialista em ciência, isso é agravado pelo fato de que nenhum é profundo estudioso do problema demarcatório. Por exemplo, mais da metade dos artigos analisados por Fasce *não* foi publicada em periódico científico. Ainda que seus conceitos de

ciência fossem coerentes com o que observamos no mundo real, isso não implica automaticamente na existência de um fenômeno que signifique a representação falsa *(pseudo)* do conceito. E ainda que exista essa categoria, e que ela seja relevante para explicar a existência de tal objeto, conhecer o primeiro conceito (ciência) não significa que se conheça adequadamente o segundo (pseudociência).

Resumidamente, mesmo entre os raros demarcacionistas que podem ser considerados especialistas em ciência, não podemos caracterizar nenhum como especialista em pseudociência. Com boa vontade podemos dizer que há uma ciência da demarcação, embora muito primária, mas não há um cientista da demarcação. O currículo de todos no campo demarcatório é pequeno demais quando comparado ao currículo de qualquer especialista de qualquer área.

Exceção fica a critério do próprio Fasce, psicólogo ainda em início de carreira mas com dedicação central ao problema das “crenças pseudocientíficas”. A equipe de Fasce é comissionada pela JitsuVAX. Será que ele tem viés, Jan Leonardi, ou apenas psicanalistas têm vieses?

1.3 Que viagem! A pseudojustificativa demarcatória.

O demarcacionista atira no que vê e acerta no que não vê. Em suas justificativas aparece recorrente a preocupação com a rejeição pública das verdades produzidas pela ciência. Elaborar essa rejeição é doloroso para a autoimagem do cientista – alguém dedicado à verdade em última instância, merecedor de posição central e credibilidade perante a opinião pública. Diante do desejo frustrado, o amor que não consegue se realizar no objeto reverte-se em ódio: “Já que não nos

estimam, já que não somos seus cientistas de estimação, receberão nosso desprezo; quem não crê em nós é *pseudocientífico."*

As soluções propostas para resolver esse problema vêm *de cima para baixo,* condizentes com a posição superior a partir da qual o cientista cético quer discursar. Basicamente, as "terapias alternativas" conquistaram algum prestígio entre o público não em decorrência de qualquer mérito, mas por sua insistência em se apresentarem como ciências. Portanto, áreas que se tornaram bem estabelecidas como física, química, biologia, devem ter alcançado seu êxito pelo mesmo caminho publicitário. Pelo mesmo raciocínio, as ciências estabelecidas vêm perdendo prestígio por não fazerem a propaganda de serem ciências.

Se nos guiarmos pela linha de raciocínio demarcatória, o público é uma esponja. Ele não avalia o mérito de argumentações, não às coloca sob qualquer teste de realidade, não se interessa em resultados pragmáticos. Sobretudo, o povo se guia pelo rótulo. O mais relevante, ao comunicar-se com este, é dizer "tais áreas são *ciências,* tais áreas são *pseudociências;* tais teorias são *científicas,* tais teorias são *pseudocientíficas"*. Se estiver de jaleco branco ou for apresentado pela TV, vai funcionar.

Eu, por exemplo, que até então colocava minha experiência enquanto analisante lacaniano no topo das psicoterapias que frequentei, fiquei tão comovido com a sensibilidade dos argumentos de Pasternak e demais bobagistas, alertando-me para meu desavisado gosto por *pseudociências de estimação,* que já pretendo correr para o

consultório de um psicólogo comportamental, de preferência com especialização em neurociências, para ouvir quais outras verdades eles têm a me dizer sobre mim mesmo, com base em suas sagradas evidências.

O psicólogo Emílio Lobato e equipe (2014), por exemplo, buscaram encontrar correlações entre pessoas com crenças paranormais, pseudocientíficas e conspiratórias – o que quer que isso signifique – justificando que, por mais irrelevante que pareça saber se a pessoa acredita em amuletos, corrigir o modo como o pensamento dessas pessoas funciona pode "protegê-las de aderir a tratamentos enganosos, como a homeopatia (624)".

Ou seja, no lugar de questionar, com intuito de compreender, a experiência e preferência dos consumidores de homeopatia, a equipe tratou esse público como o químico trata uma substância desconhecida a qual deseja converter em outra. Não há conversa, mas análise de mão única, no intuito de descobrir do que a substância é feita para, quem sabe, conseguir obter desta a reação desejada. Até o veterinário escuta mais o animal do que estes apologistas da evidência científica escutam o público das terapias não-convencionais.

Nos artigos demarcacionistas, a conexão entre objetivos de pesquisa e justificativa é costumeiramente capenga. Os autores não explicam por que a demarcação entre ciência e pseudociência seria preferencial ou sequer eficaz quando comparada a debater diretamente os temas que consideram pseudocientíficos. Tampouco explicam por que alguém que não foi convencido sobre certa ideia será convencido por um rótulo pejorativo, ou sobre alguma

explicação sofisticada sobre a pseudocientificidade do campo ao qual aquela ideia está associada. O mais curioso é que tais justificativas passam pelas revisões dos periódicos como se fossem óbvias, indicando como a noção de pseudociência está enraizada na ideologia acadêmica.

Por isso penso que pseudociência não seja *só mais um assunto* para a filosofia do conhecimento, mas tema ligado ao *eu ideal* do cientista. Ela fala sobre uma ferida na autoimagem deste que é legatário da razão. Razão que provocou duas feridas narcísicas na Humanidade – o heliocentrismo e o darwinismo. Razão que disse aos homens: "não sois o centro do universo nem os favoritos de Deus," mas vê sua ameaçada sua soberania. *Sua majestade, a razão,* não pode aceitar que pessoas se movam por outras demandas e pelo desejo inconsciente – razões que a própria razão desconhece – e grita: "pseudociência!" O grito reverbera entre os pares, revisores de artigos, igualmente preocupados com esse fantasma, anseando por qualquer feitiçaria que se proponha a exorcizá-lo.

1.4 Que fuleiragem! A pseudometodologia científica.

Angelo Fasce (2017) mapeou pelo menos 21 critérios diferentes que totalizam 70 características propostas como pseudocientíficas. Mesmo diante dessa indefinição que se arrasta por mais de meio século, demarcacionistas são incapazes de perguntar se estão lidando com um fenômeno real ou tentando fazer a ideologia ganhar aparência de fato científico.

Enquanto isso, os evidencialistas, autoproclamados defensores da ciência *baseada em evidências,* ao invés de

cobrarem a qualidade das evidências de seus colegas demarcacionistas, continuam usando a palavra *pseudociência* como se ela representasse algo tão consensual como a fórmula da água.

Um dos mais esforçados demarcacionistas, Sven Hansson, propôs, sozinho, dois critérios (1983, 2013). Em 1998, ao aplicar sua primeira classificação, escancarou o problema de que havia pseudociência *dentro* da medicina, portanto, seu conceito era inútil para legitimar a ideologia acadêmica dominante: “Ciência é o que nós fazemos, pseudociência é o que os outros fazem.”

Em 2020(b), Hansson falou de *pseudotecnologia*, algo construído sob princípios desfuncionais, inútil para os objetivos pretendidos. Ironicamente, tais características se aplicam bem ao demarcacionismo, esse conjunto de técnicas para diferenciar ciência e pseudociência. No mesmo ano, Hansson quis dar lições sobre como *não* defender a ciência (2020a). A última delas é não se apresentar como cético. Ironicamente, Hansson foi fundador da Sociedade *Cética* da Suécia. Talvez tenha se arrependido – com razão – ao ver como o demarcacionismo tem sido usado por seus maiores fãs, os céticos, cuja principal organização é o Comitê de Investigação Cética (*Committee for Skeptical Inquiry* ou CSI), que tem Pasternak como representante no Brasil.

Hansson (2013) também sugeriu que a atividade demarcatória seja uma espécie de conhecimento tácito – algo que o cientista sabe fazer mas não sabe explicar. Ou seja, assim como alguém anda de bicicleta sem saber explicar com detalhes como faz isso, os cientistas demarcam o que é ou não

uma atividade científica, embora não consigam explicá-la. Mas andar de bicicleta é algo verificável objetivamente sem maior dificuldade, enquanto as noções de *ciência* e *cientista* são objetos em permanente disputa, marcados historicamente por lutas, ideologia e – numa época onde tudo é privatizado – viram título para ascensão social ao invés de indicadores de preferências ou consistência metodológica.

Quando Hansson acreditou estar "cortando o nó górdio" da demarcação (2009): (1) apresentou síntese de critérios inspirados em outros demarcacionistas a qual, se aplicada, forçaria a incluir como pseudociência campos aceitos como científicos, devido às fraudes existentes nestes; (2) apresentou a primeira contraproposta para resolver essa dificuldade, a qual, por sua vez, forçaria excluir do conceito de pseudociência campos que os cientistas querem considerar como pseudociência e; (3) apresentou a segunda contraproposta, considerada satisfatória por ser capaz de englobar o que os cientistas consideram pseudociência e não incluir o que os cientistas consideram ciência.

A motivação é a mesma que vemos em uma passagem de Derksen (1993), na qual critica os critérios demarcatórios de outro autor *por não servirem para incluir Freud no campo das pseudociências.* Igualmente para Daniel Gontijo (2021a), é complicado aceitar o critério de falseabilidade, ou o critério de reivindicação de *status* científico, já que Lacan disse que a psicanálise é infalseável e não tem *status* científico, o que desautorizaria alguém de classificar a psicanálise como pseudociência.

São confissões mais confissões de que, *primeiro*, há um juízo que rotula saberes e jamais é colocado em questão. A teoria vem depois, para tentar legitimar o juízo – uma *pseudo*teoria. É um bom exemplo de *doutrina não fundamentada cujos proponentes anunciam como se fosse epistemologicamente fundamentada*, exatamente o critério que Hansson propôs como definidor de uma pseudociência.

1.5 Que estereotipagem! A pseudoanálise da realidade.

O demarcacionismo tem forte viés idealista. Os filósofos dos caçadores de pseudociências são os que sustentam ideais autoelogiosos, alguma coisa que o cientista acredita fazer, ou que o filósofo acredita que o cientista faz, ou que ambos querem que o público acredite estar sendo feito em nome da ciência. Seus artigos são *prescritivos*, postulando como se comportaria idealmente o trabalho científico ou pseudocientífico, mas com aparência de serem *descritivos*, como se refletissem o comportamento real desses grupos.

Os pecados que os demarcacionistas tentam atribuir a pseudociências são práticas existentes dentro das ciências estabelecidas e recorrentes entre os caçadores de pseudociências. Medicina e psiquiatria *não* estão ancoradas em pesquisas padrão-ouro; comunidades científicas *não* atuam empenhadas em refutar as próprias hipóteses; prioridades de pesquisa são, *sim*, definidas por agendas políticas; resultados são, *sim*, manipulados para satisfazer interesses econômicos; caçadores de pseudociências fazem, *sim*, uma distorção da realidade para retratarem suas vítimas como espantalhos.

Por isso que pensadores materialistas, que buscam uma descrição concreta de como funciona a atividade

científica, não recebem atenção nessa área. A interlocução demarcacionista é mínima ou inexistente com trabalhos como o de Barnes e Mackenzie (1979), Latour e Woolgar (1979), Gieryn (1983), Laudan (1983), Collins (1985), Collins e Pinch (1993), McNally (2003), para não falarmos do próprio Kuhn (1962).

O demarcacionismo produz mistificação para ambos os lados: (1) a ideia de que a falta de autoridade de determinadas áreas (“pseudociências”) implique na falsidade de suas afirmações, e (2) de que a autoridade de outras áreas (“ciências”) implica na veracidade de suas afirmações. Isso é um apelo para que se avaliem ideias por critérios de autoridade ou fé (se pertence à Sagrada Igreja da Ciência Demarcada, acredito, se pertence às heresias da pseudociência, não acredito).

O que se deveria estimular é exatamente o contrário, ou seja, que as ideias fossem avaliadas por sua coerência lógica, sem apelo a autoridade ou falta dela. Uma ideia ou prática proveniente de uma “pseudociência” não é necessariamente falsa ou prejudicial, e uma ideia ou prática proveniente de uma “ciência” não é necessariamente verdadeira ou benéfica. À luz desse entendimento, o demarcacionismo não apenas é irrelevante como insidioso no debate científico.

1.6 Que cabotinagem! A pseudoética maniqueísta.

Daniel Denett, um dos quatro cavaleiros céticos, é conhecido no ramo por sua frase: “Não há maneira polida de dizer para alguém que ele dedicou sua vida a uma ilusão.” É uma frase genial… para massagear o ego dos arrogantes. Aqueles cuja autoimagem é dedicarem-se à verdade, vendo em

outros, genuflexão à ignorância, sentem-se agora respaldados, cientificamente, por Dennet, para ignorarem a compostura.

Qualquer um que saia do gabinete e conheça comunidades e trabalhadores envolvidos em saberes populares percebe que ali há, nada mais, nada menos, que seres humanos. Ali há esforços para conhecer, mas também enganos, mistificações e fraudes. Ali há lutas de poder, conservadorismo e progressismo. Nada que não seja encontrado na academia ou qualquer instituição do mundo capitalista. As dimensões é que são diferentes: no lugar de mísseis, paus e pedras; no lugar de alta tecnologia, artesanato; no lugar da elaboração intelectual profissional, conceitos e métodos de elaboração mais simples de menor sofisticação.

Tais interesses não podem ser evidenciados pelos setores dominantes e seus aliados, que fazem todo esforço para retratarem sua ciência como algo neutro, determinado por entidades abstratas, números, estatísticas, provas, e seus cientistas como juízes imparciais. Nada mal para quem diz combater o pensamento mágico.

Assim como o clero é representante de Deus na Terra, o cientista é representante dos dados. Deus não joga dados, mas o cientista joga com os dados, em nome da Deusa Ciência. É por meio das sagradas planilhas e estatísticas que eles comunicam a verdade ao reles mortal. O demarcacionismo reflete o discurso do cientista que não quer ver sua atividade questionada por leigos, fazendo acreditar que seu saber deriva de rituais técnicos, desinteressados e infalíveis, e que apenas cientistas parecidos com ele estão autorizados a julgarem. Pseudociências, gurus, charlatanismos, são os rótulos

modernos para designar *falsos* profetas – aqueles que tentam transmitir a verdade sem terem recebido o dom para tal. É um mundo convenientemente dividido entre bons e maus.

Molesworth (2018) fez uma análise exaustiva sobre os artigos demarcacionistas, a mais completa sobre o assunto, até onde sei, com o provocativo título *A Pseudodemarcação da Pseudociência,* demonstrando como se trata de um esforço, ao mesmo tempo, *muito difícil e muito fraco* para o propósito de desqualificar argumentos de adversários. Além disso, será mesmo que as "pseudociências" não têm nada a ensinar? Nada a ser apreciado ou encorajado? Nada a ser *levado a sério?*

Pesquisa recente, elaborada por Aline Porto – curiosamente, membro da Associação Brasileira de Psicologia Baseada em Evidências – e equipe (2022) trouxe mais evidências de que a participação em religiões, organizadas ou não, é fator correlacionado com melhores índices de saúde mental e satisfação de vida. O achado não é ponto fora da curva mas algo comumente encontrado em pesquisas da área. Religiões e religiosidade são os assuntos mais espinafrados pelos grupos céticos, os mesmos que se empenham na caça a pseudociências. Será que eles estão no caminho certo? Será que o povo é burro a ponto de insistir em escolhas prejudiciais a si, ou há algum benefício à saúde nessas doutrinas e práticas associadas ao "pensamento mágico" e a epistemologias duvidosas? Precisamos realmente de uma cruzada cética pelo desencantamento da sociedade?

É esperável que, na época em que vivemos, com uma ciência subordinada ao capitalismo decadente e sua ideologia, o demarcacionismo continue cativando adeptos na parte da

comunidade científica que, mediante a crise, tenta proteger posições através da desqualificação do outro. Mas quando Pedro fala de Paulo, sei mais de Pedro do que de Paulo. O simples bom senso, que nos ensina a desconfiar de conceitos feitos para rotular os outros, vale mais do que o moralismo demarcacionista disfarçado de ciência.

1.7 Que malandragem! A pseudorrefutação por atacado.

Qual a serventia de uma formulação do tipo *astrologia é pseudociência?* Ela revela a esperança de que cientistas convençam o público a ignorar *tudo* que se identifique por astrologia, no passado, no presente e no futuro, em todos os lugares.

O demarcacionista pode responder que está apenas propondo fórmulas para análise, não diagnósticos *a priori*. Eu mesmo tentei fazer esse tipo de interlocução em relação a uma pequena seita espiritualista da qual participei, buscando confrontar, de maneira representativa e respeitosa, um critério demarcatório de Mario Bunge com o funcionamento daquele grupo (Amaral, 2015).

Não é isso que os demarcacionistas têm feito. Do contrário, quando encaram a realidade concreta, fazem recortes escolhidos a dedo *(cherry-picking)*, exatamente o tipo de evidência que consideram pseudocientífica no trabalho dos outros. Encontrei este problema em todos os artigos demarcacionistas que tive acesso que procuraram avaliar alguma prática ou saber reais, listados na bibliografia.

Grove (1985) começou a análise pela conclusão. Escolheu duas amostras que julgava serem pseudociências: o

desconhecido escritor I. Velikowsky e a parapsicologia. Selecionou contradições no discurso do primeiro e um par de debates na história da segunda. Usou essa amostra limitadíssima para explicar como se comportam todos os campos que os cientistas chamam de pseudociência (sem delimitar quais).

Dutch (1982) também recorreu ao *cherry-picking* e abusou de fontes secundárias declaradamente antagônicas às terapias alternativas para retratar negativamente todas "terapias marginais" *(fringe therapies)*. Gruenberger (1964) produziu um critério diagnóstico interessante mas o aplicou de maneira meramente opinativa ao criticar uma categoria tão vaga quanto "defensores de percepções extrassensoriais".

Lilienfeld et al. (2001) partiram da certeza de que uma constelação de práticas psicoterapeuticas são pseudociências para propor a estrutura de um curso para estudantes de psicologia dedicado a desbancar essas áreas. Em 2012, o autor e colegas apresentaram uma bela listagem de enganos ou "mitos" adotados por psicopedagogos como significando *pseudociência nas escolas*. Descreveram com detalhes uma série de virtudes do pensamento científico e, após brilhante exposição, ligaram a metralhadora giratória contra as práticas psicopedagógicas que consideram reprováveis, usando, obviamente, o qualificativo *pseudociência* como palavra de efeito para dar força ao argumento.

Hansson (1991) pegou textos de Rudolph Steiner, escritos há um século, sem conceder qualquer mérito para a época em que foi produzido, avaliando-os com olhar anacrônico de positivista etnocêntrico em fins do século XX,

concluindo pela ilegitimidade de todo o campo, já que o fundador da antroposofia se referia a ela como uma ciência oculta *(Geheimwissenchaft)*, ciência divina *(göttliche Wissenchaft)* ou ciência espiritual *(Geisteswissenchaft)*. Aparentemente, um cidadão do século XIX só poderia usar a palavra *Wissenchaft* (que pode ser traduzida para *ciência* mas, também, para *saber* ou *conhecimento*) se estivesse de acordo com a noção científica de fiscais da Sagrada Igreja da Ciência Demarcada do século XX.

Nenhum dos textos supracitados se preocupou em discutir a metodologia para escolha da amostra sob análise. É irônico ver esse nível de produção feita por pessoas que querem dar lições sobre como se faz boa ciência. Artigos para revistas de divulgação e outros meios informais sofrem dos mesmos vícios (Beyerstein, 1995; Bunge, 1983; Coker, 2001; Lilienfeld et al., 2015; Park, 2003), e continuam sendo usados como paradigmáticos pelos caçadores de pseudociências.

Os demarcacionistas imaginam ser possível descobrir uma espécie de *espírito enganador* que perpassa aquilo que se identifique por astrologia (ou antroposofia, ou homeopatia, ou psicanálise etc). Nesse ponto, são os maiores crentes no poder da palavra que a história já conheceu. Acreditam que, a partir do momento em que descubram a essência pseudocientífica da astrologia, por exemplo, isso lhes permitirá determinar a qualidade de todo o campo. A *bola de cristal* demarcacionista dá poderes mágicos de onisciência e premonição, do conforto de seus gabinetes e por atacado. Ela já prevê, hoje, que o trabalho (Artigo? Aula? Técnica? Ferramenta?) de um astrólogo, psicanalista ou constelador familiar, numa cabana recôndita da Sibéria, no ano de 2035, será *pseudociência*.

1.8 Que bandidagem! A pseudocrítica social.

Pseudociência é uma palavra pejorativa. Demarcacionistas mencionam isso, eventualmente, mas seguem em frente com suas auréolas de angelical inocência. O caminho do Inferno e os golpes que levam a ele são pavimentados de boas intenções.

Mesmo que os critérios demarcatórios tivessem fundamentação na realidade, eles não são uma simples orientação, como as que auxiliam médicos no diagnóstico de doenças. A demarcação é uma ferramenta de exclusão, como toda crítica de cunho moral. O trabalho desses filósofos é combustível para a propaganda discriminatória contra saberes e práticas populares.

Pseudociência é palavra para rotular *cidadãos de segunda classe*, que não devem gozar de certos direitos. Devem ser discriminados, desacreditados, estigmatizados. Seu acesso a espaços privilegiados, trabalho digno, debate público, participação nas políticas de saúde etc, deve ser interditado. O único acesso que eles merecem, se depender dos céticos, é à Rua da Amargura e às instâncias punitivas. O que esses demarcacionistas fazem com os saberes populares é análogo ao que os eugenistas fizeram com os povos colonizados: colocar um verniz científico sobre uma agenda política excludente.

Por acaso alguém já viu demarcacionista propor aumento de vagas nas universidades? Que tal abrir convênios para que os terapeutas integrativos que eles tanto desprezam possam cursar psicologia, medicina etc? Concentrando-nos no argumento de que pseudociência deriva da falta de cultura científica, esta não se resolve por meio de estigmatização mas

de acessibilidade. Não se combate a pobreza atacando os pobres mas garantindo-lhes acesso a educação e trabalho digno. Direito, este, que consta em todas as constituições modernas mas é violado por vestibulares e outras formas institucionalizadas de segregação intelectual-profissional.

Os textos demarcacionistas cheiram a bebê limpinho de tanta ingenuidade. O mundo é perfeito. As pessoas nasceram com igual acesso a educação e cultura. Com tanta oportunidade, é um mistério que só um punhado de países desenvolvidos alcance a metade da população adulta com diploma universitário. Entre a maioria pobre, essa fração não passa de 20%. E a demarcação é uma área que aponta o dedo majoritariamente para os setores mais pobres.

Não é à toa que os porta-vozes do eugenismo demarcatório são encontrados com muito mais facilidade falando para um público de almofadinhas sobre as contradições de uma seita perdida no deserto do que em diálogos e aproximações com a cultura popular e a comunidade extra-acadêmica. Aqui e ali podem mencionar alguma passagem sentimental sobre a dura vida da empregada doméstica mas, na verdade, o que lhes irrita é descobrir que ela joga búzios e faz leitura da aura energética no tempo livre para tirar alguns trocados. Isso, sim, lhes é inadmissível.

E por falar em eugenismo, a carinhosa Pasternak assinou, recentemente, um abaixo-assinado pedindo que o Governo Brasileiro retire seu apoio à investigação do genocídio cometido por Israel contra a população civil palestina. A carta não é assinada por movimentos populares, mas contém vários nomes da alta burguesia nacional (Poder360, 2024).

Conscientes ou não, demarcacionistas são defensores do *apartheid científico* que reforça as desigualdades sociais. Psicanalistas não devem embarcar nessa onda, numa tentadora validação do jogo demarcatório. Falas como “é exagero colocar a psicanálise ao lado de pseudociências” mostra uma compreensão ainda insuficiente sobre o problema. A psicanálise deve defender o tratamento digno a todos os saberes, ao invés de buscar uma proteção ilusória para si enquanto outros são hostilizados.

Ao tentar responder à provocação dos céticos (“Psicanálise é ciência?”), seja por meio de um *sim*, um *não*, um *é-outra-coisa*, ou um *não-procura-ser-ciência*, o psicanalista ainda está às voltas com o discurso que Lacan chama de universitário, um discurso que aplica sobre o outro uma interdição a respeito da verdade. Psicanálise é o que se passa entre analista e analisando, portanto ela depende unicamente dos desejos destes dois, e não deve ser interditada por uma verdade imaginária que paira fora desta relação. Em outras palavras, o exercício da psicanálise não pode depender de institucionalidades externas como “ser ou não ser ciência”, “querer ser ou não querer ser ciência.”

2. A pseudociência dos céticos e evidencialistas

Na primeira seção abordei o *demarcacionismo*, projeto conduzido por alguns cientistas no intuito de fazer diferenciação entre ciência e pseudociência. Nesta seção, discutirei o *ceticismo*, não em sua acepção filosófica mas militante. Refiro-me a personagens contemporâneos dedicados ao combate de pretensas pseudociências, frequentemente ligados a associações como a *Skeptical Society.*

Não há uma fronteira rígida entre os dois grupos. Muitos *filósofos da demarcação* também são *caçadores de pseudociência.* Os caçadores de pseudociência são frequentemente referidos como *céticos*, embora mais recentemente têm preferido se associar à expressão *ciência baseada em evidências.* Ciente da diferença conceitual entre ambas, não pude evitar de usá-las de maneira intercambiável, pois frequentemente é possível generalizar características de uma para outra.

2.1 Que fanfarronagem! O pseudodebate pedante.

Pasternak reivindica estar levantando debate abandonado no Brasil, embora não tenha se disposto a sentar à mesa com algum "pseudocientista" para um debate autêntico. Restringiu-se a conceder entrevistas chapa-branca, que estão mais para peças publicitárias, sempre na companhia do marido, o que nos permite levantar dúvidas sobre qual foi a real participação de Pasternak na escrita, ou se fez pouco mais do que emprestar o nome para dar projeção ao livro.

O casal debatedor afirma, curiosamente, ter se impressionado com a indignação que o título provocou, já que a intenção era carinhosa, afirmação a qual os pseudoentrevistadores não têm achado estranha. A avaliação geral que Pasternak, Orsi e seus seguidores fazem dos críticos não vai muito além de dizer que eles não leram o livro, numa rigidez de colocar inveja a qualquer pseudocientista. (Gontijo, 2023b; PBECast, 2023a)

Por padrão, o "debate" que esses defensores da ciência dizem travar com a psicanálise ou outras "pseudociências" são entrevistas nas quais não há lugar para o lado a ser criticado. Todos ali são colegas das áreas comportamentais e neurocientíficas. Exceção ficou por conta de Daniel Gontijo (2021a), que chamou um *ex*-psicanalista, Adriano Facioli.

Diante da apresentação comedida e admiração confessa do entrevistado à psicanálise, o entrevistador não resistiu em transformar a entrevista numa sabatina muito diferente do estilo que adota em outros vídeos. Em certo momento, o neurocientista afirma que várias linhas da psicologia dialogam com as neurociências, exceto a psicanálise. Imediatamente é corrigido pelo entrevistado, citando experimentos envolvendo Miguel Nicolelis, Sidarta Ribeiro e outros. Gontijo replica, evidenciando sua tendência preconceituosa: "Mas ele trabalha uma teoria psicanalítica ou só faz menção?" Facioli replica: "Trabalhou na pesquisa de doutorado com um conceito da psicanálise". Ou seja, sem conhecer amplamente o campo, o esforço de Gontijo não estava em compreendê-lo mas fazer avançar o argumento da pseudocientificidade da psicanálise.

Nos três exemplos em que vimos céticos cara a cara com seus alvos (Estadão, 2023; TV Unicamp, 2023; Inteligência Ltda, 2024), podemos notar como Carlos Orsi e Jan Luiz Leonardi adotaram um tom muito mais comedido para com seus interlocutores – Mario Eduardo Costa Pereira e Lucas Nápoli – contraditório com a maneira virulenta de representarem a psicanálise quando estão com seus pares. No último, Leonardi confessou inclusive considerar rasa a crítica de *Que Bobagem!* à psicanálise.

Os caçadores de pseudociências são identificáveis por suas posições *absolutamente contrárias,* não a ideias específicas ou teorias mas campos do saber por inteiro. Essa contrariedade pode se manifestar de maneira mais agressiva, quando estão em seus próprios ambientes, ou de maneira velada e insidiosa, quando sentem que a exposição radical pode lhes trazer consequências negativas. Neste caso, dissimulam ou discurso com evasivas: “Mas será mesmo? Pode me apresentar evidências? É confiável?”

No primeiro caso, explicitamente não há interesse, por parte do cético, de contribuir com o desenvolvimento da área criticada. Sua postura é no sentido de criar uma imagem ridícula e indigna da vítima. No segundo caso, o aparente interesse de “entender melhor” é apenas da boca para fora, um recurso passivo-agressivo pelo qual dissimula igual propósito caluniador. As perguntas desses céticos são primárias e nada parece entrar em suas mentes.

Portanto, eles não merecem ser chamados de *críticos* da psicanálise ou quaisquer pseudociência. São *inimigos* destas. Crítico é o fazer científico. Todo cientista é crítico de

sua área, conforme explora as lacunas e aperfeiçoa o saber existente. Os céticos que tomam conta do debate sobre pseudociência não passam de detratores.

2.2 Que tietagem! O pseudoapelo à razão.

Céticos fazem supor que um ou dois parágrafos de seus *demarcacionistas de estimação* podem ser tratados como última palavra sobre assunto tão vasto quanto *ciência.* Não precisam de muitos textos para alardearem que a psicanálise é "amplamente rejeitada" no mundo inteiro. Suas fontes são tratadas como altares acima de qualquer falha (por exemplo: Meyer, 1975; Van Rillaer 1980; Eysenck, 1985), sobre as quais não é preciso ouvir críticas (por exemplo: Gallwey, 1987; Brand, 1993; Roudinesco, 2011). O único motivo para não acreditarem em Deus é já terem seu pequeno panteão de *PhDeuses*, em nome dos quais professam as verdades absolutas de sua pequena e moderna religião politeísta. Típico de grupos sectários, trabalham como se não houvesse vida inteligente fora de seu pequeno círculo de estudos.

A imensa autoridade que conferem a meia dúzia de autores é apenas um lado da moeda da *desautoridade* que conferem à comunidade de leigos, profissionais e pesquisadores que fazem uso da psicanálise. Os fisioterapeutas evidencialistas Lucíola e Léo Costa, por exemplo, abriram uma entrevista *sobre psicanálise* anunciando que nada entendiam sobre o assunto e haviam chamado um *especialista* para esclarecê-los. Este especialista era o psicólogo *comportamental e experimental* Jan Leonardi. Tal conduta é padrão em canais de psicólogos comportamentais e neurocientistas.

Leonardi, tentando explicar a psicanálise em 5 minutos, advertiu o ouvinte tratar-se de um tema que requer vários anos de formação, mas não esclareceu que ele não seguiu tal percurso. Logo no início, o casal se surpreende com o fato de a psicanálise não ser exclusividade de psicólogos. O entrevistado assente e cita como exemplo pessoal a professora de psicanálise que teve na graduação, referência na área, cuja formação não era em psicologia mas ciências sociais. Desconhecedor do assunto, não foi capaz de explicar que essa independência institucional é uma reivindicação central dos psicanalistas, deixando o ponto no nível do estranhamento próprio do senso comum conservador. Implícito, embora evidente, é que o trio evidencialista não parece conferir a nenhum *outro* a autoridade para falar sobre psicanálise. Nem à psicanalista-cientista-social, nem a um psicanalista, mas apenas a um *não-psicanalista* de seu próprio círculo.

Será que os professores de psicanálise, que ministram cursos de 4 anos, como reconheceu Leonardi, não têm alguma solução para as inquietações tão óbvias e básicas discutidas pelo trio? “Mas – responderiam eles – quem o psicanalista pensa que é para falar sobre psicanálise?” É a resposta de sempre dada por Leonardi quando se lhe apresenta pesquisa estatística feita por psicanalista. Por que, então, este psicólogo comportamental, publica estudos de psicologia comportamental? Não teria ele, também, viés? Existe cientista sem viés?

Para Leonardi, o viés não é elemento a ser levado em consideração, mas algo que torna a pesquisa automaticamente inválida, pelo menos em se tratando de psicanálise. No fundo, ele está apenas cobrando dos psicanalistas um ideal de

perfeição que não existe em ciência alguma. É fácil estufar o peito para criticar os outros, quando ausentes, protegido pela endogamia intelectual evidencialista, principalmente quando se é enaltecido pelos pares e até por jornalistas "desavisados" como sendo especialista *em ciência.*

Para o mais famoso psicólogo antifreudiano, Hans Eysenck (1985), a boa imagem da psicanálise só se sustenta pois seus biógrafos são adoradores, para os quais qualquer crítica ao mestre é um sacrilégio. Comentadores de Freud são tietes *(camp-followers)* meramente interessados em campanha publicitária. Seu livro (duramente criticado pelo psiquiatra Michael Stone [1994]) foi visivelmente escrito às pressas, prefaciado pela esposa. Não há bibliografia mas "sugestões de leitura", nas quais o autor sente necessidade de indicar quais são os livros bons (aqueles que descem a lenha na psicanálise) e os maus (que levam o campo a sério).

Outro favorito entre os inimigos de Freud é Derksen (2001), que anuncia uma das linhas argumentativas comuns dos caçadores de pseudociência. *Como Freud consegue enganar tanta gente?* Ou seja, o "sofisticado pseudocientista" austríaco tem poderes (sobrenaturais?) de enganar muita gente *8 décadas após sua morte.* Engana a nata dos pesquisadores, que continuam levando-o a sério nas principais revistas científicas internacionais. Ludibriados a ponto de acolherem em suas universidades, disciplinas e especializações em psicanálise. Até mesmo a *Columbia University,* que contratou Pasternak como professora visitante, mantém há 75 anos, um dos maiores departamentos acadêmicos de psicanálise do mundo.

A tese cética implica em que milhões de pessoas atendidas por psicanalistas ao longo da história são ignorantes demais para que suas experiências sejam consideradas. Encontramos inúmeros dispositivos, na sociedade moderna, nos quais a população pode apresentar sua satisfação ou insatisfação a respeito dos serviço que utiliza. Curiosamente, a população não tem voz para opinar sobre as "pseudociências". Eles são incautos, desavisados, incapazes. É o cético quem tem autoridade para dizer o que funciona ou não, o que está ou não sendo bom para nós.

2.3 Que noiagem! A pseudoameaça imaginária.

O discurso cético retrata pseudociências de maneira quase conspiratória, paranoica ou megalomaníaca. No que tange à psicanálise, uma hora ela é elitista – um clube seleto de analistas a analisarem seus pares, em idioma lacanês, apegados a uma arte que perdeu prestígio. Logo em seguida, os desprestigiados psicanalistas estão nadando em dinheiro, graças à capacidade que têm de persuadir o público. Mais adiante, os céticos reclamam do absurdo de qualquer um poder se intitular psicanalista, e de que essa "pseudociência" deveria ser exclusividade de psicólogos e psiquiatras. Horrorizam-se com a ideia de que alguém faça "curso de fim de semana" de psicanálise e já saia atendendo.

Pergunto-me por que motivo, então, a população brasileira como um todo não está aproveitando a oportunidade fácil de se tornar psicanalista e nadar em dinheiro, e por que a comunidade médica e psicológica quer tanto – como fez em outros lugares e épocas – ter domínio exclusivo de uma bobagem desprestigiada.

Eu mesmo faço apelo a esses psicanalistas que conseguiram se estabelecer na carreira após o curso de fim de semana, que venham a público esclarecer que curso é este e que habilidades foram ensinadas para que se consiga manter um consultório cheio em tão pouco tempo. O *amazing* James Randi, que estipula prêmios para quem demonstre capacidades paranormais, poderia estipular um prêmio ao cético capaz de desenvolver algo tão trivial como um curso de fim de semana sobre uma pseudociência que forme ao menos *um* pseudoterapeuta capaz de abrir consultório e conquistar tantos pacientes quanto o necessário para pagar suas contas. De fato, céticos não acreditam em fantasmas. Eles estão é convencidos da realidade das fantasmagorias que assombram suas mentes.

A narrativa contra pseudociências é permeada pelo princípio *dois pesos, duas medidas.* É comum retratarem Freud como grande manipulador, colecionador de fracassos, destituído de ética, comprometido com a mentira. Sequer são capazes de colocar o psiquiatra austríaco sob a perspectiva da época. Não havia nada parecido com psicologia e psicanálise atuais. Problemas mentais eram assuntos para asilos e manicômios. Psiquiatras aceitavam a internação de mulheres sem a necessidade de anamnese, simplesmente por decisão do marido. Os sofrimentos da alma eram tratados com uso de força física, banhos gelados, camisa de força, confinamento, calmantes, eletrochoque, remoção do útero. Freud foi educado neste contexto. Céticos poderiam, no mínimo, dar algum crédito para o pequeno grupo que se interessou em escutar essas pacientes e estabelecer alguma interlocução com estas, e que teve Freud como principal representante.

Se aplicassem a mesma severidade aos psicólogos de vertente behaviorista, o que esses céticos falariam sobre John B. Watson? Por que não vasculham o histórico familiar do pai da psicologia comportamental com o mesmo ímpeto fofoqueiro que o fazem contra Freud? Por que não falam nada sobre os experimentos watsonianos para condicionar medo em bebês, na década de 1920? Por que não falam da história e depoimentos dos seus filhos, a maioria dos quais vitimados por suicídio ou tentativas? Por que não falam das puladas de cerca de Watson e da frieza que permeou o ambiente familiar do pai desta corrente psicológica que, hoje, insiste em se apresentar com igual frieza? (Hartley, 1990)

O que falariam de Eysenck, o psicólogo mais influente da psicologia norte-americana mas, possivelmente, o que teve mais artigos removidos ou retratados devido a fraudes e manipulações de dados? Aplaudido pela extrema-direita conforme escrevia sobre a predisposição genética dos negros a um QI mais baixo, ou sobre promissoras terapias para reverter a homossexualidade? Financiado pela indústria do cigarro enquanto jogava dúvidas sobre a relação entre tabagismo e câncer? Em competição com psicanalistas pelo controle de um importante periódico científico internacional? (Colman, 1974; Pelosi, 2019, Pilgrim, 2023) Se Freud foi “amplamente rejeitado”, o que dizer desse cânone da psicologia experimental?

Com a régua cética, não deveríamos condenar também outros experimentos clássico da psicologia social como a prisão de Philip Zimbardo ou os experimentos sobre obediência de Stanley Milgram? Nenhum desses, uma vez que

submetem voluntários a alto nível de sofrimento psíquico, seria aprovado pelos atuais comitês de ética em pesquisa.

A crítica cética é feita para provocar indignação seletiva. É comum dizerem haver diferença entre pseudociência e má ciência, um subterfúgio para se concentrarem no assédio às áreas marginais e deixarem grupos dominantes em paz. Quando encontram uma contradição em algum terapeuta holístico, fazem alarde e aproveitam para generalizar para o campo inteiro. Mas não investigam a má ciência da grande indústria farmaceutica, por exemplo, colecionadora de escândalos, campeã de processos nas cortes dos EUA. Nestes casos, apenas mencionam a fraude depois que ela deu no *New York Times.*

Em *Que bobagem!*, Pasternak e Orsi dão exemplo da indignação mesquinha logo na abertura. “Grávidas marcam a gestação com base no mapa astral” – é como iniciam o capítulo de astrologia. Mais da metade dos bebês brasileiros nascem de cesarianas, muito acima dos 15% considerados justificáveis pela Organização Mundial da Saúde. A epidemia de cesarianas está ligada a conveniências de agenda médica e planos de saúde. Nem é tão fácil para a mãe, quando depende do sistema público, escolher data de cesariana.

Se o bebê precisa se subordinar à maneira como o sistema de saúde está estruturado, qual o problema de a mãe ter um dedo nesse agendamento, dando um toque afetivo e mágico num processo estruturado de maneira fria e industrial? Se um dia a medicina abraçar a humanização do pré-natal, veremos se a astrologia é realmente uma pedra no sapato do parto natural.

No caso da homeopatia, o casal começa com o típico argumento financeiro: um mercado que movimenta mundialmente U$18 bilhões por ano. Em seguida, explicam uma pesquisa "padrão-ouro-de-tolo" na qual a sociedade cética abordava consumidores de homeopatia nas farmácias e lhes diziam do que o produto era feito. Acontece que a indústria farmaceutica é aproximadamente 100 vezes maior do que a homeopatia, consumidores tampouco sabem do que são feitos os medicamentos e seguramente se frustrariam se lhes lêssemos os efeitos colaterais que constam nas bulas ou demais falcatruas em torno da droga.

Nos EUA, todo ano alguma farmaceutica é multada na casa das centenas de milhões de dólares por promoção fraudulenta ou omissão de efeitos colaterais. Paraíso dos lucros da *Big Pharma,* conseguiu a façanha de reduzir a expectativa de vida de sua população ao longo da última década (notadamente entre os negros), e colocar 1 em 6 adultos em tratamento psiquiátrico medicamentoso de longa duração. O cidadão pobre foge dos hospitais, na esperança de se curar sozinho e ficar livre de uma dívida impagável. É a medicina *convencional* estadunidense – não a homeopatia – considerada a *terceira causa de mortes* da população (Makari, 2016). País tratado como paradigma para os céticos, os EUA nos dão incontáveis lições sobre o que *não* fazer com a saúde dos cidadãos.

Sobre a Medicina Tradicional Chinesa, a promoção desta pelo governo chinês é uma estratégia de *soft power.* Se Pasternak se preocupa com influência cultural de um país sobre outro, poderia começar discutindo sobre nossos meios de comunicação, arte, moda, tecnologia, ciência, até mesmo

nossas polícias e agências de inteligência, estarem preenchidas pela influência norte-americana. Até mesmo o currículo de Pasternak se parece com o de muitos “pensadores” que fazem um estágio no mundo anglo-saxão antes de começarem a pregar a agenda do colonizador em terras brasileiras.

Já no sistema de saúde brasileiro, há ramos que conquistaram alguma dignidade junto às políticas públicas, não sem décadas de luta e persistência. São as chamadas terapias integrativas que, para horror de Pasternak, estão consumindo montanhas de dinheiro público no SUS. Algo como 0,008% das despesas públicas hospitalares brasileiras. O casal jamais menciona que a metade do orçamento do Estado Brasileiro é drenada a título de juros para o bolso de banqueiros internacionais. O problema é o reikiano e o constelador familiar que usam um farelo dos recursos públicos.

Os céticos ainda reclamam sobre o absurdo espaço que essas terapias recebem na mídia, quase uma conluio com poderosos. Mas esquecem de dizer que Pasternak, no papel de “especialista em ciência”, recebeu em média *duas inserções diárias* na grande imprensa ao longo dos últimos 3 anos, talvez mais do que todos os ufólogos entrevistados na história da grande imprensa nacional.

De tantas áreas da saúde, problemas envolvendo “pseudociências” são, honestamente, o que menos deveria preocupar a sociedade. Estamos falando de campos nos quais o cliente consegue se desvincular rapidamente antes de sofrer grande prejuízo. Uma relação muito diferente da maneira como a grande indústria médica domina a população, através de sua exclusividade, dos critérios dos planos de saúde e empresas de

seguro, da precariedade de serviços públicos, do controle de preços e supressão da oferta de médicos e medicamentos, etc. Que tal olharmos as áreas campeãs de reclamações em canais de consumidores?: telefonia, bancos e demais setores de serviços essenciais controlados por monopólios, além dos produtos danificados que o cliente só descobriu depois de pagar caro. Até mesmo a medicina convencional recebe mais reclamações do que as "pseudociências."

2.4 Que molecagem! O pseudomoralismo fofoqueiro.

Outro dos truques céticos é o ataque *ad hominem.* Esse tipo de argumento é apropriado onde sintetiza corretamente a conduta malévola reiterada de alguém, para esclarecer sobre sua intenção, buscando alertar sobre o que esperar daquela pessoa ou grupo no futuro. O que os críticos de Freud fazem é o contrário disso. Incapazes de combater a teoria psicanalítica em si, não raro se dedicam a investigações sobre a conduta de Sigmund Freud. Vestem-se de cientistas para fazer sermão puritano e moralista. Um deles foi Peter Swales (Meyer et al, 1975).

Em viagem com a cunhada Minna Bernay – algo plenamente admitido, já que ela era uma das 11 pessoas que moravam na casa do psicanalista – Freud e Minna ficaram no mesmo quarto de Hotel. Swales insiste em afirmar que, não apenas ambos tinham um relacionamento extraconjugal como, também, certo adoecimento de Srta. Bernay fora decorrente de um aborto feito às escondidas. Note, leitor, que se a linha de raciocínio de Swales for levada a sério, você precisa investigar a vida íntima de cada autor que estude para poder avaliar suas teorias. Os acadêmicos deveriam anexar negativas de

antecedentes criminais e referências de boa conduta ao submeterem manuscritos a revistas científicas.

Uma historiografia séria daria a dose merecida de importância – nem mais, nem menos – para a denúncia de Swales. O registro "*Dr. Freud u Frau"* no diário do hotel significa que ambos tinham um relacionamento extraconjugal às escondidas? Ou algo como "Freud casal", significando que ficaram num quarto de casal, com duas camas? Ou ainda, que era preferível se passarem por um casal aos olhos de estranhos para não levantarem curiosidade? Após essas considerações, seria preciso discutir em que elas ajudam a esclarecer a teorização freudiana. Não é segredo que Freud se utilizou de muitos *insights* pessoais para pensar sobre os processos psíquicos.

Se relacionamento extraconjugal é pecado, deixo o assunto para os teólogos. A mim interessaria saber como este fenômeno, se verídico, operou no mundo psíquico de Freud. É pertinente compreender as interações entre a psicologia de um autor e sua teoria, ainda mais no caso de Freud (p. ex. O'Brien, 1991; Maciejewski, 2008). O que os revisionistas antifreudianos preferem, no entanto, é produzir fofoca, no melhor estilo "te peguei!" – trabalho de policial ou inquisidor, não de cientista. Que isso tenha sido acolhido pela grande imprensa, não é de admirar (Blumenthal, 2006), mas o espírito zombeteiro também conquistou adeptos na academia, como Daniel Burston (2008), que escreveu 15 páginas que em nada ajudam a esclarecer sobre o aparelho psíquico humano, ou sobre a biografia e teoria do pai da psicanálise, mas muito dizem sobre a intenção do acadêmico alfinetar a comunidade psicanalítica.

2.5 Que bricolagem! A pseudodescrição do objeto.

A pseudociência cética é o exemplo mais pronto e acabado do que se convencionou chamar de *argumento do espantalho.* Uma vez que sua especialidade é condenar, os céticos fazem o que é típico de qualquer patrulheiro ideológico: retratar a vítima da maneira mais condenável possível. Juntam retalhos para formar uma figura abominável. Usam cacos de ciência, peças retiradas de seus contextos e reposicionadas arbitrariamente, para formarem o mosaico desejado.

De Pasternak e Orsi vemos aberrações como: psicanálise é uma "Disneylândia discursiva," que se beneficiou de "hábitos intelectuais" e "conjunturas históricas" e da queima dos livros freudianos pelos nazistas (Intrieri, 2023). Ou seja, se você tem alguma admiração pela psicanálise hoje, se deve à fama obtida por Freud após ter seus livros queimados há quase um século (Freud deve ser muito grato a Hitler). Ou então por coisas que Pasternak e Orsi não apreciam, como hábitos intelectuais da sociedade e conjunturas históricas. A única Disneylândia é aquela na qual vive o casal, encastelado numa ciência de conto de fadas, que desdenha da cultura real (os "hábitos intelectuais") e da conjuntura histórica, apaixonada que está pelo fetiche dos números e dados quantitativos que ela mesma produz.

Em apreciações menos lacradoras (Gontijo, 2021b; 2023b; 2023c; PBECast, 2023b), exigindo coerência técnica, também vemos igual *Disneylândia* de críticas desonrosas. A insistência em produzir uma imagem indigna da psicanálise é tanta que os céticos nem tomam consciência de que: (1) fazem acusações contraditórias entre si; (2) selecionam, contra a psicanálise, acusações que valem para todo o campo científico;

e (3) desconsideram refutações, rebatendo-as com acusações de gravidade maior, numa espiral negacionista infinita.

Por exemplo: (A1) acusam a comunidade psicanalítica de não se submeter à pesquisa quantitativa ou (A2) apresentar subterfúgios (“não quer ser ciência” ou “é uma ciência com características próprias”) para bloquear as críticas; (B) outra hora, apresentam pesquisas quantitativas (contradizendo A1), para poderem criticar os defeitos dessas pesquisas, ou desautorizarem-nas por terem sido escritas por psicanalistas (contradizendo A2). Quando admitem que a psicanálise pode ser falseada, explicam que (C) este critério popperiano já não é mais válido para avaliar se algo é pseudocientífico. Entrentanto, mais adiante, apresentam pesquisas de outros profissionais da saúde com dados satisfatórios à psicanálise (contradizendo A1 e A2), apenas para concluírem que não são os psicanalistas que estão comprometidos em pesquisar psicanálise, uma prova de que estão fugindo do critério de falseabilidade (contradizendo C).

Quando há várias metanálises que merecem avaliação, o problema é que elas mensuram coisas diferentes, então não são comparáveis. Quando elas são comparáveis, o problema é que 85% das pesquisas em saúde não são de boa qualidade. Quando a pesquisa é apresentada em periódico de primeira linha, o problema é que até periódicos de primeira linha já fizeram retratações, ou seja, não estão isentos de erros. Quando metanálises mostram que a psicanálise tem desempenho semelhante a outras terapias, então o problema é que ela não as supera, não tendo portanto nada de especial.

As recentes manifestações céticas (PBECast, 2023b; Gontijo, 2023a; 2023b) são a melhor coletânea de argumentos de espantalho: noções literais de temas como *inveja do pênis* e *ciúme do pai* que ignoram o contexto em que foram elaboradas, sua dimensão simbólica e como elas são empregadas no trabalho psicanalítico; estranhamentos sobre frases atribuídas à psicanálise que não conseguem colocar na devida perspectiva, por exemplo, “psicanálise não trata doenças”; exemplos anedóticos tirados de outras áreas como a psiquiatria e a fisioterapia para insinuar que o psicanalista não tem competência para atender ou encaminhar pacientes com determinadas doenças; expectativas de que a psicanálise se comporte igual à psicologia experimental na maneira de abordar a subjetividade dos pacientes, *traduzindo* a experiência subjetiva em algum tipo de dado objetivável (em afirmações como, por exemplo: “a eficácia de uma terapia de casal pode ser medida objetivamente por indicadores de satisfação conjugal”). Até mesmo a não-regulamentação, em se tratando de psicanálise, causou incômodo a Leo Costa, entrevistador liberal que é contra regulamentações.

Não é mera coincidência que a construção do argumento cético se assemelhe à argumentação da grande mídia em geral, que há muito abandonou o jornalismo para se transformar em propaganda disfarçada. O objetivo é criar, no espectador, forte impressão sobre o que se quer atacar ou defender. Para isso, não é possível ponderar, reconhecer méritos e falhas, já que isso seria uma ameaça à intenção panfletária de mostrar tudo de maneira extremista.

Na ciência, duzentas teses capengas não alcançam o valor de uma tese consistente. Mas na propaganda capitalista

decadente contemporânea, não há teses de qualidade, já que é preciso aplicar um disfarce humanitário à manutenção de desigualdades profundas. Por isso, tentam vencer pela quantidade. Os textos céticos aqui citados são exemplos dessa bricolagem. Cada parágrafo é uma metralhadora giratória, seguindo o princípio *se colar, colou.* Palavras como *ciência* e *evidência* são usadas à exaustão e de maneira prostituída, sem uma elaboração profunda. A esperança é que algum dos tiros atinja o alvo, afetando o leitor negativamente a respeito do campo psicanalítico.

Neste ponto o leitor pode questionar se não estou adotando a mesma atitude que imputo a meus adversários, ao fazer uma leitura absolutamente negativa do demarcacionismo, do ceticismo e do evidencialismo. A resposta é que sim, entretanto, parcialmente. A diferença é que não estou fazendo uma avaliação dessas áreas *no abstrato,* ou a partir de recortes pontuais de representatividade duvidosa. Procuro, pelo contrário, analisar grupos concretos, como o da militância brasileira antipsicanálise atual e dos demarcacionistas. Por outro lado, à semelhança destes, é verdade que também estou polarizando o debate.

Ao evidenciar que estes grupos mostram as pseudociências a partir de um enfoque extremista e polarizado, não estou condenando a polarização *em abstrato,* mas advertindo o leitor de que eles se colocam abertamente na condição de *adversários* destas, não simplesmente debatedores ou críticos, mas inimigos cujo esforço – consciente ou não – vai na direção de destruir esses campos. Trata-se de um grupo pequeno, cujas conexões com a elite capitalista até se faz visível, atacando campos com os quais amplos setores da

população estão envolvidos. Enquanto marxista, minha tarefa não é alimentar ilusões centristas e conciliatórias entre classe dominante e subalterna, mas evidenciar quais são os polos em luta para que o leitor saiba em que posição está.

2.6 Que garimpagem! As pseudoevidências anedóticas.

Dos céticos escutamos clichês como "afirmações extraordinárias requerem evidências extraordinárias." O mais curioso é que são eles que fazem as afirmações extraordinárias – por exemplo, *psicanálise é pseudociência* – e consideram qualquer migalha de informação como prova cabal da tese. Aprendizes de Karl Popper (1957) que, numa conferência, trouxe uma anedota pessoal sobre "colegas marxistas e psicanalistas" para concluir que ambos os campos são pseudocientíficos, cobram evidências padrão-ouro do psicanalista mas abrem espaço para qualquer fala não representativa quando se trata de caluniar o que não gostam. Molesworth (2018) denuncia este mesmo *cherry-picking* utilizado por inimigos da ufologia.

Quando uma cerejinha só não faz inverno, cuidam de providenciar a salada de frutas. Em *Que bobagem!,* Pasternak e Orsi primeiro juntam um par de pesquisas sobre dificuldades inerentes *às psicoterapias em geral* para iniciar seu argumento contra a psicanálise, num patente *non sequitur*. Em seguida, recorrem a uma tática comum entre os inimigos da psicanálise: mencionar três ou quatro adversários francos desta (Grünbaum, Popper, Cioffi, Bunge etc) para argumentar que há meio século a teoria freudiana é "amplamente" considerada pseudociência.

O casal não se preocupou em fazer qualquer estudo minimamente representativo sobre a literatura psicanalítica.

Apenas Freud deixou escrito 24 volumes, nenhum dos quais é discutido em *Que bobagem!* Freud foi o autor *mais citado* em periódicos internacionais de psicologia (14 mil citações, quase o dobro de Piaget, segundo colocado) e com maior fator de impacto na base do *Google Acadêmico* (h-index = 247, com 353 mil citações; ACUMEN, 2014). Mesmo nos EUA, com forte tendência behaviorista e campanha negativa, o "desacreditado" austríaco é considerado, *por psicólogos*, o terceiro pensador mais influente em suas carreiras (Hagbloom et al, 2002). No Brasil, psicanálise é a linha terapeutica mais mencionada por psicólogos como abordagem e referencial preferidos. Freud desponta como principal intelectual de suas formações (CFP, 2022). Nem começamos a falar da influência freudiana e psicanalítica sobre outras ciências, humanidades e artes, que tem sido até maior do que sua presença na psicologia, e o fato de muitos médicos e psiquiatras buscarem especialização na área.

Atitude semelhante adotou a – então estudante de graduação – Clarice Ferreira (2021), que utilizou 4 parágrafos e 5 fontes bibliográficas, todas secundárias, na tentativa de sepultar Freud. Outro parágrafo baseado em dois autores é suficiente para jogar Lacan na lata do lixo. Finalmente, a autora tenta sintetizar e criticar, em menos de duas páginas, o pensamento de 6 psicanalistas contemporâneos, recortando meia dúzia de frases e trechos interpretados de maneira arbitrária e apressada, como sinais característicos de pseudociência. O gritante, neste caso, é que o artigo foi publicado numa revista de psiquiatria, mostrando novamente que há revistas em áreas "acima de qualquer suspeita" que não

dão bola para evidências representativas quando o discurso está alinhado com suas crenças.

2.7 Que selvagem! A pseudointerpretação calhorda.

Céticos acusam os psicanalistas de aplicarem um *vale-tudo interpretativo* para chegarem às conclusões desejadas sobre seus pacientes, na base do *cara-eu-ganho, coroa-você-perde*. Quem inaugurou esse tipo de acusação foi o próprio Karl Popper, com o tipo de argumento que não se qualificaria como trabalho de quinta série mas, sendo contra a psicanálise, se torna "evidência padrão-ouro" na boca dos céticos: para Freud, o homem que tenta afogar uma criança sofre de repressão, enquanto o homem que se sacrifica para salvá-la alcançou a sublimação. Para Adler, ambos sofrem de sentimento de inferioridade.

Para além disso, segundo Popper, marxista e psicanalista são pessoas que olham para o mundo com a intenção de confirmarem as teorias de Marx e Freud. Nosso renomado filósofo esqueceu que marxista e psicanalista são pessoas que consideram essas teorias boas o suficiente para darem um sentido à realidade, que se apresenta a nós de maneira caótica. Isso não é diferente de um darwinista, que considera plausível olhar para fósseis e novas espécies a partir do modelo de evolução, ou para um físico que avalia o comportamento de um gás a partir dos modelos da termodinâmica.

Céticos são o perfeito exemplo do *viés confirmatório* que acusam nos outros. A começar pelo próprio Popper, que foi consagrado por uma crítica que é essencialmente circular. Popper *quer* considerar psicanálise e marxismo como

pseudociências, portanto, *precisa* considerar que psicanalistas e marxistas agem de maneira diferente de outros estudiosos. Como não tem evidência alguma, ele as inventa, de maneira que essa imagem encaixe em sua teoria sobre o fazer científico.

Embora posteriormente criticado por seu *falsificacionismo,* Popper foi precursor da escola da interpretação selvagem antipsicanálise. Seus herdeiros céticos usam qualquer coisa para sustentar as acusações, exceto investigar com profundidade como se dá a clínica psicanalítica, como as teorias de Freud e seus discípulos são aplicadas, e como a comunidade psicanalítica debate e faz circular sua produção intelectual internamente e no diálogo com outros campos.

Um bom exemplo está na maneira como Ferreira (2021) interpretou a noção de *cura* entre psicanalistas. Ao melhor estilo, *tudo o que você disser será usado contra você*, a autora cita breves linhas extraídas de 4 textos de psicanalistas para concluir que os mesmos – e, por tabela, toda a comunidade psicanalítica – querem substituir a noção de cura por uma experiência que não está em lugar nenhum, não é objetivável, nem possível. Num sincericídio, revela sua incompetência para entender o problema. Ao invés de compreendê-lo, o que demandaria dedicação, prefere caluniar quem tenta fazê-lo. A reclamação sobre o jargão psicanalítico é legítima e não é ignorada por psicanalistas. Ocorre que toda área científica especializada tem seu jargão próprio, sendo muitas vezes indecifrável para o não-iniciado. Isso é um problema a ser enfrentado por comunicadores em ciência, não um indicador de isolamento ou pseudocientificidade.

Sendo psicóloga, Ferreira sabe que é inviável replicar um caso clínico, não só na psicanálise como na psicologia em geral. Ao invés de buscar compreender como os psicanalistas trabalham e produzem conhecimento neste contexto, ela prefere usar essa conjuntura como mais uma prova de que psicanalistas não são cientistas por não fazerem experimentos clássicos. Ferreira também se apoia em Derksen (2001), segundo o qual o "sofisticado pseudocientista" Freud só faz autocrítica de maneira demagógica, para manipular o público e fugir de críticas qualificadas.

Ao mesmo tempo em que rejeita a psicanálise por depender de casos anedóticos, Ferreira prossegue com seus exemplos anedóticos de segunda mão: certo dia, sabe-se lá em que contexto e com qual carga de ironia, o psicanalista André Green falou que Freud é o que a psicanálise tem de novo. Ignora o restante do artigo, onde Figueiredo (2009) explica como o retorno a Freud faz parte do movimento de atualização e aperfeiçoamento da psicanálise. É próprio da ciência, em especial as humanas, dar-se importância ao estudo dos clássicos para entender o presente. Porém, em se tratando de Freud, é interpretado selvagemente por Ferreira como uma apologia à estagnação da área.

Curiosamente, a salada interpretativa produzida por Ferreira é o que os céticos brasileiros têm, até o momento, de melhor para oferecer contra a psicanálise. Ou alguém espera que aquilo que a autora não conseguiu fazer em 30 páginas, para uma revista avaliada por pares, seus colegas conseguiriam fazer em menos, com tentaram Pasternak, Pilati, Douglas de Oliveira e os céticos *youtubers*?

2.8 Que policiagem! O pseudodiagnóstico estigmatizante.

O bobagista brasileiro que chegou à maior virulência por minuto de fala é Carlos Leger Sherman Palmer Júnior. Perto dele, a crítica de Pasternak & Orsi é realmente carinhosa. Não por acaso, é o que jamais clinicou ou trabalhou em laboratório, não tendo sido colocado em posição onde precisa escutar um outro. É uma pena que Sherman não dirige seu ódio aos verdadeiros exploradores da Humanidade pois teríamos um grande combatente revolucionário.

Sua área de atuação é a de palestrante e consultor empresarial. Quem já assistiu a esse tipo de profissional sabe que ali está um porta-voz do patrão, que sabe falar de maneira rebuscada aquilo que o chefe quer impor aos gritos.

Ostentando todos os sobrenomes – motivos de orgulho – os mesmos de seus bisavós e tataravós inventores, Sherman apenas remove o *Júnior* – diminutivo que não condiz com quem esbanja adjetivos teratológicos e que o remete a um lugar sob a sombra paterna. Sherman despreza o mito freudiano do parricídio, que não pode ler de maneira metafórica, enquanto mostra no próprio nome essa relação contraditória. Removendo do seu nome a condição de filho, ele passa a usar exatamente o nome do pai, que não é inventor como seus avós, mas herdeiro do patrimônio levantado por eles.

Ciência, para Sherman, é propriedade privada de um seleto grupo, uma aristocracia, da qual ele se considera parte, como um bom porteiro, dedicando-se a protegê-la do ingresso de forasteiros, intrusos e subversivos – aqueles que pensam diferente dele, e que são muitos. Estes não são vistos como

debatedores, mas pessoas tomadas por falhas morais gigantescas que fazem os piores massacres da história parecerem pequenos. Não é à toa que, em seu canal (https://www.youtube.com/@MrCarlosSherman), predominam comentários de pessoas incomodadas com sua maneira megalomaníaca de lidar com o opositor.

A ciência de Sherman é tão sensacionalista quanto aquela divulgada pela imprensa. Uma apresentação de achados pontuais para estabelecer verdades acachapantes. É assim, que, para ele, a psicóloga Judith Harris *enterra* o behaviorismo com seu livro *The Nurture Assumption* (1998) e Michael Gazzaniga *enterra* a psicologia como um todo.

Um trabalho que conclui pela importância de fatores genéticos *ao lado* de fatores ambientais na determinação de *algumas doenças* (Lakhani et al, 2019) é usado por Sherman para afirmar que “a personalidade é esculpida pela genética, não pela educação”.

Um tuíte que diz “a quantidade de energia para refutar uma bobagem é o dobro daquela necessária para produzi-la” é apresentada como lei científica para explicar a dificuldade que iluminados como Sherman têm para refutar “picaretas estelionatários”, “essencialistas anticientíficos de cunho fascista” como Chico Xavier.

Bastante dedicado em suas publicações semanais, este desconhecido consegue ir além de poucas dezenas de visualizações em seus vídeos quando cita alguém mais famoso, contra quem destila seu veneno intelectual. O alvo principal tem sido a psiquiatra Ana Beatriz Barbosa e o físico Marcelo Gleiser que, gostemos ou não, são os brasileiros de maior

popularidade em suas respectivas áreas. Mas sua metralhadora giratória alcança desde Aristóteles, Agostinho de Hipona, Helena Blavatsky e Goethe até Ariano Suassuna, Paulo Freire, Augusto Cury, Bolsonaro, Lula e, obviamente, Freud.

Em janeiro de 2024, Sherman sai em defesa de *Que bobagem!*, numa crítica a Gregório "Duvier". A música de fundo carrega no tom de suspense enquanto este valente lutador inicia seu combate às trevas, unindo força a outros heroicos soldados do Youtube, contra o "circo de horrores" freudiano,"absurdo cometido contra a razão, a integridade intelectual, ao conhecimeto e à Humanidade". A psicanálise, que é "uma marca registrada por Freud", "não passa de uma seita que segue um dogma, a revelação de um mito". Psicanalistas são "analfabetos funcionais, analfabetos em ciência do Ensino Fundamental". O psiquiatra austríaco, por sua vez, é "um tremendo mal para a Humanidade", uma "autoridade dogmática". Sendo um "freudismo", a psicanálise "não pode ser renovada, nem evoluir, pois totalmente, irremediavelmente, inescapavelmente, aprisionada a um dogma, um terrível dogma, relacionado a um mito, uma espécie de messias", "um conservador, machista, interessado na autocanonização."

Sherman alega vir estudando e denunciando a psicanálise há mais de 20 anos mas não achou necessário citar nenhum de seus cursos ou produções na área. Se for assim, também posso dizer que tenho 26 anos de estudo no ramo, já que minha primeira leitura de um texto freudiano foi em 1998.

A apresentação de Greg News (2023) é uma "pantomima apologética espetaculosa reacionária conservadora

em favor de uma seita", uma "perigosa pseudociência". Enquanto "Duvier" faz piadinhas, "a máquina freudiana de cloroquina edipiana trabalha em franco prejuízo da saúde mental e financeira das pessoas", por meio de um "te vejo na próxima consulta, eternamente."

Sherman segue com uma longa exposição sobre Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), que em sua "arrogância sobranceira, dogmática, essencialista, fascista", sua "falta de humildade", não aceitou a grandeza da física newtoniana e "atrasou e dificultou o desenvolvimento das neurociências e da ótica." O motivo de discursar longamente sobre um escritor que viveu muito antes de Freud fica claro ao final. A intenção era tornar demeritório o fato do austríaco ter recebido o prêmio Goethe de Literatura em 1930.

Sherman não tem artigos publicados e não é citado por bases de dados científicas. Ao contrário de Freud, que é o autor mais citado do mundo em certas bases. O austríaco recebeu 33 (não 12) indicações para o prêmio Nobel de Medicina, que o incompreendido gênio Sherman desqualifica como "indicações políticas", sem maior elaboração.

As indicações para o Nobel são feitas de maneira sigilosa, por associados aos institutos que mantêm o prêmio. No caso do Prêmio de Medicina, tratam-se de médicos renomados, inclusive ex-nobelistas. Sherman ignora tudo isso para manter sua tese de que a psicanálise jamais exerceu qualquer influência na medicina, seja em seu tempo, seja depois.

Nenhum psicanalista contesta o fato de que Freud não era aceito pela cúpula médica. Nenhum psicanalista vê isso

como um demérito da psicanálise, mas como um conservadorismo das associações médicas. Mas entre não fazer parte do *mainstream* médico e ser uma seita inexpressiva há uma longa distância que Sherman, em seu mundo de contrastes extremistas, não pode conceber.

Stolt (2001) explica as forças em apoio e opsição à premiação de Freud pela academia sueca, o que inclui também o antissemitismo da época. O que é descrito como "esforço de autocanonização" é facilmente contradito por cartas de Freud onde o mesmo expressa seu ceticismo quanto à possibilidade de ser premiado e, inclusive, desencoraja amigos a levarem adiante campanha neste sentido.

Evidente mesmo é a intenção beligerante de Sherman. Até mesmo ter sido a personalidade com *maior número de indicações para o Prêmio Nobel de Medicina em toda a história* é interpretado de maneira condenatória. Todos sabemos – não é preciso bola de cristal para isso – que Sherman jamais será indicado para um Prêmio Nobel. Nem ele, nem eu, nem você, leitor. Mas é de pessoas com narcisismo inflado, do tipo megalomaníacas, que se mordem por dentro quando olham para sua inferioridade, que a militância cética precisa para levar adiante seu combate a Freud.

Para Sherman, se vivesse no Brasil de 1940, o "conservador" Freud seria enquadrado pelos artigos 171, 283 e 284 do Código Penal – cabe lembrar, instituídos pelo democraticíssimo e nada fascista Estado Novo. Por sorte, Freud ficou apenas na mão de nazistas austríacos e não de algum chefe de polícia de pretensões shermanianas.

É então que nosso youtuber faz o coroamento de sua forma de fazer ciência. “Duvier” deve esquecer de uma vez por toda a psicanálise e estudar a “ou-di-di” *(ODD, oppositional defiant disorder)* ou transtorno opositor desafiador (TOD). “Você tem esse diagnóstico, rapaz!” – diz Dr. Sherman.

Nosso cientista não informa, em seu currículo Lattes, quantos cursos e qualificações tem para fazer diagnóstico psiquiátrico *on-line*. Tampouco a que código de ética sua prática psi está atrelada, já que certamente não é a de profissionais da saúde, que têm como valores fundamentais o sigilo entre terapeuta e paciente, e a não utilização de diagnósticos como forma de estigma ou desumanização.

Acreditando-se culto e genial, Sherman ignora qualquer crítica à invenção desse transtorno nos manuais diagnósticos da psiquiatria. Afinal de contas, o TOD cai como uma luva para o velho que quer patologizar o comportamento desafiante de gerações mais jovens. Ser “diagnosticado” TOD por alguém como Sherman é praticamente um elogio. Até mesmo nosso querido quarentão Christian Dunker já reivindicou orgulhosamente ser portador desse transtorno.

A ciência dos manicômios foucaultianos não está morta e enterrada. Ela ainda vive no ethos de muitos cientistas. É ciência policialesca e carcerária que Sherman tenta representar.

3. A pseudociência da ciência burguesa

Não vivemos sob a égide de uma ciência divina. A ciência é burguesa, pois sua produção é determinada pelas prioridades da classe dominante. Ela tem apenas aparência divina, um *disfarce técnico,* pois é mistificada, para que se oculte seu caráter classista e se acredite em seu caráter sobre-humano, distanciado das contradições sociais.

Como outros empreendimentos burgueses, esta ciência precisa manter alienadas as classes subalternas. Ela precisa desdenhar do saber leigo – um pseudossaber. Por isso ela fetichiza as coisas (ciência, evidência, eficácia etc começam a falar) e coisifica as pessoas (desavisadas, desprovidas de razão, desautorizadas de produzirem verdade sobre si, reféns da verdade anunciada pelas coisas).

Por isso esta ciência não pode aceitar psicanálise, saberes tradicionais e populares, religião e marxismo. O último é a doutrina dedicada a colocar a classe operária *em movimento,* em direção ao controle dos meios de produção, inclusive da ciência, principal meio de produção do saber humano. Nesse momento, a discussão sobre o que é ou não científico não mais ficará a cargo de burocratas e seus critérios técnicos, mas a cargo das necessidades da nova classe dominante – os trabalhadores.

Enquanto esse dia não chega, a ciência burguesa vai sendo vitimizada pelas ruínas da classe que a controla.

3.1 Que camuflagem! A pseudocredencial dos desqualificados.

A prostituição da ciência contemporânea requer agentes dispostos a igual prostituição. Isso também explica a renovação permanente desses atores. Um cientista com carreira construída tem muito a zelar para se arriscar em aventuras como as descritas aqui. O campo é mais atrativo para arrivistas, que encontram na oportunidade a chance dos 15 minutos de fama. Com o tempo, a fraude fica clara e não mais é sustentável mantê-los, momento no qual desaparecem na obscuridade.

A mídia sempre reserva algum espaço para falar mal da psicanálise, para não mencionarmos outras ciências populares e suas práticas. Trata-se, portanto, de um nicho de mercado, uma alternativa a mais de autopromoção. Os psicólogos citados neste artigo, por exemplo, talvez nem recebam tanta visibilidade para falarem de suas neurociências e psicologias cognitivas como recebem para menosprezar o legado freudiano (p. ex. Estadão, 2023b; Gontijo, 2023d; Leonardi, 2023; Veja Saúde, 2023).

Céticos acusam pseudocientistas de se apresentarem como cientistas. Parafraseando Orsi, “coloca um PhD ou MD na frente do nome para dar credibilidade”, “faz cursinho de 3 meses e já sai abrindo consultório” etc. Ironicamente, Orsi não tem sequer PhD ou MD para colocar na frente do nome. Sequer o tal “cursinho de 3 meses” o casal, ou qualquer outro cético, foi capaz de fazer, sobre Filosofia da Ciência, ou sobre alguma das “pseudociências” que fingem conhecer, antes de se comportarem como porteiros da comunidade científica.

A dedicação de Pasternak e Orsi é na área de publicidade. Por trás da máscara de cientistas, seu trabalho é similar ao de comunicadores em agências jornalísticas, e diferente do trabalho de pesquisadores profissionais. Aliás, quem ainda não percebeu que *especialista* é o título oportunista que a grande imprensa confere a qualquer porta-voz que se disponha a divulgar sua pauta? Os demais céticos criticados aqui não ficam atrás. Falam de ciência mas, ao criticarem pseudociências, não fazem *nem boa ciência, nem a ciência que cobram dos outros*.

O currículo científico dos principais caçadores de pseudociências brasileiros é até mais robusto que o de Pasternak e Orsi. No entanto, é um currículo condizente com suas especialidades: psicologia comportamental e neurociências (Clarice Ferreira, Fernanda Landeiro, Lucelmo Lacerda, Daniel Gontijo, Jan Leonardi, Ronaldo Pilati), fisioterapia e medicina da dor (Lucíola e Leonardo Costa), informática (Douglas Aguiar). Isso não os torna sumidades nas áreas que combatem. Inclusive, ao olhar seus artigos científicos, é possível notar que falam com muito mais modéstia sobre temas que dominam, em comparação com o tom presunçoso, onipotente e onisciente de suas avaliações rasas sobre pseudociências. Exatamente como nos ensina um dito popular inglês: *Empty vessels make the most noise.* Jarros vazios são os mais barulhentos.

Pasternak tinha 3 artigos publicados sobre *Escherichia coli* quando enveredou para o campo da divulgação científica. Primeiro trabalhou para uma ONG internacional de publicidade (não de pesquisa), o *Pint of Science* (PoS), cujo financiamento é desconhecido, com uma

história tão mítica quanto a de outros grande empreendimentos burgueses: dois jovens cientistas do *Imperial College* resolveram levar a ciência para o público, organizando palestras em bares e cafés locais. Os primeiros três eventos foram em 2013. Não pararam de crescer. Seis anos depois, promoviam a média de oito eventos por dia, espalhados por 397 cidades de 24 países diferentes, recebendo 140 mil participantes. Pasternak foi diretora das atividades brasileiras do *PoS* por 4 anos. Outro ex-diretor também trabalha, atualmente, para o instituto fundado por ela.

Nessa época, Pasternak conheceu Orsi, escritor de ficção com experiência editorial e na grande imprensa. Foi quando ela começou a aparecer na mídia como especialista em tudo (exceto nas bactérias de seu doutorado): agrotóxicos, transgênicos, políticas públicas, câncer, homeopatia, farmacologia, alimentação natural, vírus. Em seguida, firmou contratos com outra ONG, o Comitê de Investigação Cética *(Committee for Skeptical Inquiry* ou CSI).

É comum encontrar, no currículo de inimigos da psicanálise, passagens pelo CSI, criado há mais de meio século sob o pretexto de defender o pensamento científico. Como se a melhor defesa do pensamento científico não fosse o próprio trabalho científico, mas a formação de grupos autonomeados para tanto. A revista do CSI, *Skeptical Inquiry,* dedicada a dizer quem é ou não científico, jamais conquistou qualidade para fazer parte dos bancos de dados internacionais. Não obstante, o CSI recebe financiamento de gente graúda. Em seus relatórios anuais, citam um punhado de doações acima de 200 mil dólares, inclusive anônimas, e centenas de doações abaixo disso. Não é à toa que os discursos da CSI espelham o

autoritarismo típico da classe dominante: a indignação seletiva e a crítica assediadora, dedicada a enfraquecer, humilhar e colocar na defensiva quem está excluído do *mainstream*.

Os principais nomes da CSI são ricaços, a concluirmos pelo fato de terem fundações em seus nomes. Quem manda dinheiro para um biólogo dedicado em espinafrar religiões? Pasternak tampouco vem de família pobre. Com sua mãe, levantaram R$2 milhões para compra de respiradores na pandemia. Pergunto, leitor, que outras duas pessoas você conhece que levantaram igual montante a título de filantropia?

A autora participou, durante todos esses anos, do Instituto de Ciências Biomédicas (ICB) da USP, órgão que manteve parcerias e convênios com Monsanto (especialmente interessada na aceitação pública dos trangênicos e do glifosato), farmaceuticas (especialmente interessadas em fazerem as drogas psiquiátricas prevalecerem sobre as psicoterapias, terem aprovação rápida e aceitação de suas vacinas, terem controle sobre o mercado de medicamentos que combatem o câncer etc), e recebeu fundos de milionários como Charles A. Dana, com negócios no ramo das neurociências (área onde é comum considerarem as ciências biológicas e métodos quantitativos como superiores às ciências humanas e métodos psicodinâmicos). Finalmente, Pasternak firmou, em 2022, contrato de consultoria (o que quer que isso signifique) com a gigante farmaceutica Janssen e a Cellva, que faz experimentos na produção de carne de laboratório.

Ou seja, estamos falando sobre uma funcionária do setor corporativo, contratada para defender seus interesses. Não se trata de uma professora com dedicação exclusiva e

estabilidade funcional, como é o caso de muitos cientistas importantes, que conseguem usufruir de alguma autonomia em suas pesquisas. Convido o leitor a folhear alguns dos 327 artigos que Pasternak escreveu para jornais ou em seu *blog*, listados em seu currículo Lattes, e refletir sobre seu alinhamento com empresas com as quais ela manteve relação. É sensato suspeitar que foi exatamente por isso, e não por seu currículo científico, que a microbiologista se tornou a favorita da imprensa para falar de assuntos tão diversos.

3.2 Que estiagem! O pseudocombate ao obscurantismo.

Renato Russo criou a figura do Jeremias, que dizia ser crente sem saber rezar. Na incursão pelo universo bobagista, encontrei: cientistas que dizem ser evidencialistas sem apresentarem evidências para suas afirmações; caçadores de pseudociências que aplicam métodos pseudocientíficos em suas investigações; leigos que se intitulam defensores da ciência com um fanatismo de colocar inveja ao fiel mais fundamentalista e; céticos que esperam, do público, uma postura de fé, uma postura crente. É sobre estes últimos que tratarei a seguir.

Um tipo comum de pesquisa aplicada por psicólogos caçadores de pseudociência envolve a elaboração de *escalas de crenças pseudocientíficas* (p. ex. Brotherton et al., 2013; Fasce, 2018). Isso contradiz a noção mais básica de que conhecimento é um processo, não um resultado, tratando a ciência como se fosse uma coletânea de verdades consensualmente estabelecidas. À diferença de outras escalas, como por exemplo, de pensamento crítico (Sosu, 2012), que se interessa por condutas do entrevistado em relação a investigação das

ideias, as escalas dos céticos colocam no espectro normal aqueles que acreditam nas mesmas coisas de quem elabora a escala.

A Feyerabend se atribui a frase “a ciência é algo muito sério para ficar inteiramente nas mãos dos cientistas.” É uma ideia pertinente para o contexto tratado aqui, no qual uma parcela numericamente pequena mas bem articulada, aparentemente com as costas quentes, tenta falar em nome de toda a comunidade científica.

Feliz ou infelizmente, a ciência não está nas mãos dos “defensores da ciência”, nem dos cientistas em geral. Como qualquer recurso estratégico, o saber humano se subordina à luta das classes sociais, não a convenções, regulamentações ou vontades particulares. Quem domina a ciência é a classe dominante. Trata-se de um pleonasmo óbvio mas ignorado até mesmo pelos cientistas, graças à ideologia sob a qual somos formados, que ofusca nossa consciência política. Nem os doutores da ciência são mestres do próprio ofício.

Por meio desse domínio, que não é absoluto, a burguesia dita sua agenda para os cientistas, estabelece prioridades de pesquisa, linhas de financiamento, aplicações, controle dos resultados e sua divulgação. Logo, ao contrário do que pensa Jan Leonardi (Comporte-se, 2022), o “obscurantismo” não é consequência de psicanálise, thetahealing, barra de access ou o que mais conste em sua lista de “coisas … que não têm compromisso com a ciência e/ou que se recusam a se submeter à verificação empírica rigorosa”. O obscurantismo é um produto da ciência burguesa.

Igualmente, não é o pseudocientista que oferece risco à ciência. É a própria burguesia que, lá no início, ajudou a criá-la, e agora trabalha para arruiná-la.

Desde fins da Idade Média o desenvolvimento científico foi empreitada importante na emancipação da sociedade, conforme a burguesia medieval procurava se libertar do domínio feudal e das verdades estabelecidas por seus representantes. Entretanto, nos últimos dois séculos, conforme o capitalismo entrou em etapa monopolista e decadente, a grande burguesia moderna buscou monopolizar o controle sobre os meios de produção, inclusive a ciência, e barrar de seu acesso, *principalmente*, a classe com potencial revolucionário, ou seja, a classe trabalhadora.

A rejeição da psicanálise, desde seus primórdios, por parte dos setores científicos dominantes, não é acidente nem se deu por méritos epistemológicos. Tratou-se de um ato político, por meio do qual o capital determina, através dos médicos, que não há espaço para uma nova abordagem, a qual abriria caminho para novos terapeutas. Ainda mais uma abordagem centrada na escuta do doente, que não faz uso de máquinas, equipamentos, medicamentos e demais artefatos da indústria médica. Uma abordagem que não é passível de ser reproduzida em escala industrial, não se prestando à produção de mais-valia. O que é ainda pior: uma abordagem que aposta no saber do analisante, colocando-o no lugar de um sujeito, no sentido oposto à alienação e a objetificação dos cidadãos, necessárias para capital.

Mesmo prescindindo da radicalidade da psicanálise, outros saberes que não fazem parte do Clube das Ciências

Demarcadas também são afronta ao capitalismo monopolista. Se a ciência não está sob controle dos cientistas, nem sob controle absoluto dos capitalistas, é porque as classes subalternas teimam em se apropriar dela como podem. Integram-na a suas matrizes discursivas, numa miscigenação que provoca horror aos puristas. A colocam a serviço de suas necessidades e interesses, e isso é insuportável ao capital, não por méritos epistemológicos ou sanitários, como tentam fazer crer os demarcacionistas, mas por méritos políticos. As pseudociências escapam do controle da classe dominante e, assim, subvertem a condição de dependência na qual ela deseja manter o povo.

Mesmo quando não é simpático ao movimento cético, o cientista não está imune a um estranhamento em relação às ciências populares, movido pelas aparências, sem compreender que elas se diferenciam das ciências acadêmicas, não por razões morais mas pela realidade concreta na qual estão inseridas. As ciências acadêmicas são produzidas de maneira muito mais controlada e organizada, dada sua tradição. Elas giram em torno de cânones e fundamentos que criam uma base comum para quem ingressa na comunidade intelectual. São ciências institucionalizadas.

Enquanto isso, as ciências populares se esparramam pelo povo e por ele são reformuladas. O nível de contradição e inconsistências encontradas nesses campos é muito grande. O acadêmico não raro olha a manifestação mais volumosa e fácil de ser criticada, e perde a oportunidade de apreciar o que é determinante e mais relevante, mais ou menos como quem não encontra nada de especial num trem, pois olhou para dezenas de vagões e se esqueceu de olhar para a locomotiva.

A elite quer uma população mantida na ignorância, com acesso interditado ao Ensino Superior e às profissões valorizadas, forçada à proletarização e dependente de uma pequena casta para satisfazer suas necessidades básicas. Neste regime não há lugar para expansão cultural e intelectual. O que existe hoje sob o manto de divulgação científica é publicidade disfarçada, financiada pelo grande capital, além de censura a debates e agentes não-autorizados. Nas mãos da classe dominante contemporânea, a ciência vira mais um instrumento de dominação, uma ideologia esotérica em nome da qual se legitimam condutas que alienam do povo recursos para produção de saber.

3.3 Que pilantragem! A pseudorrepresentação aristocrática.

Céticos clássicos denunciam pseudociências, eventualmente evocando filósofos demarcacionistas. Os evidencialistas, por sua vez, representam uma evolução desse movimento. Inteligentemente deixam de lado a referência à demarcação – que quase não fede nem cheira para o movimento cético – embora não abandonem o uso do termo *pseudociência* como palavra de efeito. Sua pauta parece mais positiva: ao invés de estipularem quem são as pseudociências e defenderem sua exclusão, eles estipulam quem é baseado em evidências e defendem sua exclusividade. Diferente retórica para a mesma finalidade política.

Tomemos como exemplo o personagem tratado como representante da psicologia baseada em evidências no Brasil, Jan Luiz Leonardi. Não tenho motivos para duvidar de seus méritos na psicologia comportamental, área de sua

especialidade, que é *uma* área da psicologia, assim como o é a psicanálise. A título de analogia, é como se falássemos de duas modalidades de futebol: salão e suíço.

A analogia é limitada, obviamente. Há uma extensa discussão a respeito da crítica psicanálitica à ciência clássica, considerada válida mas insuficiente para compreender o sofrimento humano. É sobre esta lacuna que a psicanálise se propõe a atuar. Além disso, há quem considere a psicanálise o inverso da psicologia, o que não impede muitos terapeutas de trabalharem com formas híbridas de clínica, que incluem psicanálise *e* psicologia comportamental, por exemplo.

Dito isso – independente do que gostem ou queiram os inimigos da psicanálise – tanto esta disciplina quanto a psicologia comportamental participam da imensa comunidade científica, que é muito mais ampla. É como considerar futebol de salão e suíço como duas modalidades do imenso universo dos esportes. Um atleta desta ou daquela tem, obviamente, legitimidade para contribuir com o esporte. O que Leonardi faz não é isso, mas algo análogo a um jogador de futebol suíço que se intitula *especialista em esporte*, passa a falar *em nome do esporte* e avaliar se outras modalidades são *esportivas*.

O que permanece curioso e sem resposta é *por que lhe é conferida tamanha legitimidade.* Em dois dos três debates recentes com foco em psicanálise, Leonardi foi chamado (Estadão, 2023; Inteligência Ltda, 2023; não confundir com as inúmeras entrevistas antipsicanálise chamadas por céticos, nas quais se aceita qualquer um disposto a falar mal de Freud). Por que se dá prioridade a este cidadão?

Seria compreensível chamá-lo para um debate para discutir, por exemplo, as realizações científicas da psicologia comportamental, área na qual Leonardi teria muito a dizer. Gostaria de saber se algum órgão da imprensa chamaria Leonardi para uma entrevista sobre ciência. Ou se o psicólogo se considera capacitado para escrever um tratado ou manual sobre o assunto. Se sim, por que não o fez? Se não, por que colocam a carroça em frente aos bois e lhe dão tanto crédito para falar, não apenas sobre ciência de forma geral mas, também, psicanálise em específico? Arrisco três hipóteses, não excludentes:

A. Órgãos jornalísticos já aceitam acriticamente a legitimidade de se atacar a psicanálise, talvez a única disciplina presente na academia que é colocada no paredão de quando em quando; a única que não pode falar de si própria sem a presença de um inquisidor para lhe jogar desconfiança. Por acaso alguém já viu debate na mídia onde se chama um químico para defender e um não-químico para atacar a química, ou coisa parecida?

B. Este e outros inimigos da psicanálise têm *QI* (quem indica), costas quentes, estão articulados com setores do grande capital que preferem ficar incógnitas mas utilizam a imprensa para impulsionar uma permanente propaganda contra a psicanálise e pretensas pseudociências. Ou, mesmo desarticulados, são chamados pela grande burguesia por levantarem um assunto de seu interesse.

C. Leonardi não foi o primeiro convidado mas Pasternak, a estrela do momento, recusou o convite, sobrando portanto a opção de Leonardi que, embora não tenha escrito livro sobre o assunto, aparece como uma espécie de liderança entre os atuais detratores da psicanálise brasileira.

3.4 Que derrapagem! A pseudodefesa claudicante.

Se a ciência for comparada a um organismo, os três últimos tópicos podem ser comparados, respectivamente, a: (1) um processo cancerígeno, pelo qual células tumorais tentam driblar a autorregulação do organismo e se proliferar incontrolavelmente; (2) um processo asfixiante que evita a renovação e a oxigenação de ideias no meio científico; (3) um processo autoimune, no qual o centro de comando passa atacar tecidos que o compõem. No presente tópico, traço uma comparação entre a ciência contemporânea e um organismo com imunidade fraca.

Dez em cada dez demarcacionistas apresentam a ciência como uma entidade *ameaçada* pelas alegadas pseudociências. São pessoas que têm noção da capacidade intelectual da comunidade científica, induscutivelmente uma classe privilegiada no que tange à produção do saber. Pessoas que sabem que as academias científicas são composta por uma classe média-alta, portanto, com mais recursos, mais infra-estrutura, mais conexões com a classe dominante e mais acesso aos meios de divulgação privilegiado em comparação com a maioria dos pseudocientistas. Tornam, portanto, a campanha contra pseudociências algo tão ridículo quanto um gigante que,

com medo do anão, se põe a xingá-lo: "*Pseudogigante! Pseudogigante!*"

Frequentemente o cidadão moderno é tomado por medo de microorganismos, ignorando que a maioria deles *estão* presentes em nós, não sendo parasitas por natureza mas elementos que vivem em harmonia conosco, até necessários para nossa saúde, mas se tornam infecciosos sob condições específicas de debilidade. Algo semelhante aos desequilíbrios ecológicos nos quais uma espécie que, até então convivia com outras, passa a crescer de maneira desgovernada e prejudicar o equilíbrio do sistema inteiro, graças a uma interferência humana espúria.

A ciência não precisa de institutos céticos para defendê-la. O bom trabalho científico é sua própria defesa. Pensar que ideias inconsistentes prejudiquem ideias mais consistentes equivale a pensar que os esportistas amadores prejudicam os profissionais, que um cozinheiro desajeitado como eu ameaça o progresso da gastronomia, que o tocador de caixa de fósforo de botequim ameaça a música. Ao discurso demarcacionista resta-nos perguntarmos como a cultura humana se desenvolveu até aqui se formas de qualidade inferior têm tanto poder de ameaçar as de melhor qualidade?

O discurso demarcacionista é a fábula da decadência humana. Ele carrega, implícita, a noção de um ser humano pronto para fazer as piores escolhas, o que também nos obriga a perguntar, como a espécie não apenas sobreviveu até hoje mas usou sua engenhosidade para povoar os rincões mais inóspitos? É um humano que prefere o argumento falso ao verdadeiro, o profissional charlatão ao honesto, a terapia

ineficaz à terapia eficaz; um ser tão peculiar que, entre uma argumentação lógica e um xingamento vazio (como é o caso da palavra *pseudociência),* irá ignorar a primeira e ser convencido pelo último.

Consequentemente, ele é um ser que precisa ser interditado. Ele não pode ter opções para escolher, ou escolherá a pior. Se entrar numa audiência judicial – deste maravilhoso sistema formado por pessoas do povo, que entendem as demandas do cidadão comum – e lhe derem a opção de recorrer ao direito *sistêmico*, lá vai nosso cidadão mergulhar nessa armadilha. Se entrar na fila para um procedimento eletivo no sistema de saúde – que é igualmente rápido e eficiente – mas encontrar a opção *terapias integrativas,* lá vai nosso cidadão masoquista mergulhar nessa furada. É melhor, inclusive, proibir as terapias integrativas não só dentro como fora do sistema de saúde, já que os cidadãos brasileiros, servidos por unidades de saúde públicas em cada esquina, teimam em procurar essas pseudoterapias.

As campanhas dos caçadores de pseudociência passam longe de demandas populares. Estas costumam exigir *ampliação,* não redução dos serviços públicos. As campanhas céticas fazem sentido entre um público de classe média-alta que contempla o mundo a partir da bolha confortável de seus condomínios fechados, mediada por uma imprensa enviesada. Tenho curiosidade de saber como os céticos comunicariam suas realizações para as massas. “Olá Dona Maria, temos uma excelente notícia para a senhora que está aguardando indefinidamente por uma cirurgia eletiva. Está vendo aquelas portinhas que dizem *reiki, terapia de vidas passadas, homeopatia e acupuntura?* Elas serão fechadas para sempre.

Agora sim, sua vida irá melhorar.” “Olá Seu João, aqui é da Vara da Família, o senhor está aguardando agendamento de audiência de conciliação com sua ex-esposta? Temos uma excelente notícia. Os advogados que faziam constelação familiar foram mandados embora.”

Atraído pela ideia de ser o juiz do trabalho científico, o cientista demarcacionista forja uma ciência alheia às demandas da população, que se relaciona com esta de maneira paternalista, quando não abertamente hostil. Comporta-se como a rainha dos contos infantis, admirando sua beleza solitária no castelo, até que o espelho lhe mostra não ser a mais bela do reino, ocasião na qual passa a distribuir maçãs envenenadas a quem considera rival.

3.5 Que traquinagem! A pseudossofisticação banal.

Certo dia encontrei, na rede social, piada sobre como seria a conversa de alguém infartando que telefonasse para um *coach* à procura de ajuda: frases motivacionais, poder da palavra e do pensamento, lei da atração etc. Minha resposta foi a seguinte: “Pelo menos o *coach* falou com ele. Se fosse um médico, quem atenderia seria a secretária. Perguntaria se é convênio ou particular. No primeiro caso, teria agendamento para um mês. No segundo, morreria de susto ao escutar o preço.”

O pseudocientista não deve se assustar com o ar sofisticado e o topete acadêmico de seus críticos céticos. Quando comparam – seja em piadas, seja em exigências metodológicas – a psicoterapia à medicina, demonstram seu descaso para com o elemento *psíquico*, que é determinante à primeira e pode eventualmente ser até irrelevante à segunda. O

médico perde a conta de quantas operações bem-sucedidas consegue realizar a partir de um mesmo protocolo, até com o paciente sedado. No universo psíquico, cada sofrimento é único e impossível de ser trabalhado sem a participação do sujeito que sofre. Há muito mais diferença entre dois casos que chegam ao psicoterapeuta, ainda que verbalizando a mesma queixa, do que entre mil verrugas que um cirurgião tenha extraído em sua vida.

O médico pode salvar a vida de alguém que tenta se suicidar por overdose de medicamentos. Os sinais vitais produzem evidência inquestionável sobre isso. Um feito irreprovável. Mas eis que o paciente revitalizado olha para o médico e diz: “Deveria ter me deixado morrer”. Parece evidente que o sofrimento não foi extinto. Talvez o médico encaminhe para um psiquiatra ou psicólogo, que após algumas consultas, por meio de seus questionários e escalas de ideação suicida, concluam que conseguiram alguma eficácia em reduzir as predisposições suicidas de nosso paciente hipotético. O psicanalista não condena esse procedimento, mas não aposta nele.

Infelizmente o cético não se predispõe a ser afetado pelo conhecimento que a psicanálise vem produzindo há um século, a partir dos primeiros experimentos com a *cura pela fala.* Eles se dão por satisfeitos com seus próprios resultados que, segundo eles próprios, são as melhores evidências de eficácia possíveis. O psicanalista, ao não apostar nisso, é visto como descompromissado que vai ao consultório como o moleque vai à Disneylândia. Ninguém menos que Hans Eysenck afirmou que psicanalistas são *prostitutas da amizade,* pagos por pessoas que não querem se dar ao trabalho de

encontrar amigos para conversar. Se isso veio do Papa da psicologia experimental, tudo podemos esperar de quem está abaixo dele. Talvez geniais em suas áreas, os que pensam tais coisas são brutalmente ignorantes acerca da psicanálise. O que mais se pode dizer?

O cético inveja o que não tem. O que ele deseja é o desejo do público que, misteriosamente, lhe escapa e se dirige aos pseudocientistas. Essa relação desejante com o público é o maior bem que o terapeuta pode cultivar. É a relação que o cético quer controlar com "evidências," dados quantitativos, números, planilhas, escalas, índices. Quando pede evidências de que um tratamento funciona, o que o cético revela, sem querer, é a vontade de participar dessa relação desejante entre paciente e terapeuta, ou melhor dizendo, castrar essa relação e pegar para si o gozo que dela transborda.

O pseudocientista não deve satisfações aos céticos. Se o fizer, cairá na armadilha montada por eles – uma busca infindável por evidências que serão sempre rebatidas, numa teimosia negacionista neurótica. Entrará no discurso do mestre imposto por seu interlocutor. O discurso que diz *"trabalhe!"* e que se apropria do produto. O pseudocientista deve satisfações a seu público (e até mesmo insatisfações, a serem elaboradas na relação transferencial). O ceticismo é apenas um assunto que o pseudocientista pode discutir na esfera pública, sem esperar mobilizar verdadeiros interlocutores entre os céticos.

Essa atividade conhecida como *debunking* ou desmascaramento de pseudociências consegue ser renovada com frequência, pois não requer uma linha de frente qualificada nem renovação das críticas. O que o aluno de

graduação aprende no *cursinho de fim de semana* do instituto cético, que o qualifica para sair falando mal de tudo o que é saber popular, é a mesma crítica requentada conhecida há décadas. Neófito no assunto, o cético ali incubado acredita estar sendo introduzido a uma grande novidade.

O estudante de graduação não estuda metodologia científica. Não raro essa disciplina se resume a normas de escrita científica, feita para concluir o trabalho de conclusão de curso. É no mestrado ou cursos extra-curriculares que vê certo refinamento do assunto. Quando entra em contato com a pesquisa quantitativa e seus métodos, o estudante fica facilmente maravilhado com esse universo. Consciente e orgulhoso de estar descobrindo um novo campo até então ignorado, apenas continua ignorando que essa área não representa a totalidade da ciência, nem é um método generalizável para qualquer objeto científico.

Em PBECast (2023b), o trio antipsicanálise fala com paixão sobre noções de pesquisa estatística: probabilidade, desvio padrão, intervalo de confiança, tamanho de efeito, duplo cego, grupos de controle… Convencidos da importância dessas técnicas, interpretam as diferenças entre psicologia experimental e psicanálise como demonstração da ignorância dos psicanalistas a respeito das mesmas. A reivindicação de que a psicanálise trata de uma dimensão inquantificável e intraduzível da realidade subjetiva é vista, por eles, como fruto de um primarismo técnico dos psicanalistas, uma ignorância quanto à sofisticada arte de se trabalhar com pesquisa quantitativa. Eles não se preocupam em compreender – pois nem imaginam que existam – estratégias, na psicanálise, para enfrentar essa questão.

3.6 Que picaretagem! A pseudodemocracia informada.

Da saúde para o direito, é também sabido (e ignorado) que a democracia deve ser regida pela vontade da maioria, não pelo que a "elite esclarecida" considere certo ou errado. Neste sentido, a militância cética também faz parte de um setor que não assimilou os ideais democráticos já defendidos por movimentos populares do Século XIX. Um setor que se comporta, ideologicamente, como classe dominante, sem o ser, consequentemente chamado de *pequena burguesia*.

Democracia não é o governo dos "bons", uma *aristo*cracia. Democracia é o governo da maioria. Não há qualquer problema legal em se defender pautas e demandas minoritárias. O que a pequena burguesia não dá atenção é que, ao defender essas pautas e de maneira especialmente confrontativa, ela conquista a antipatia de setores maiores do que ela, perdendo apoio destes e a possibilidade de uma relação psicoterapeutica de confiança.

Uma campanha política sensata não bate de frente com as crenças de outros. Ela dialoga e procura compreendê-las. Até por que a crença alheia, em si, não é uma ameaça, conforme pensam muitos cidadãos "esclarecidos". Escutar o outro – na sociedade atual, punitivista, excludente, autoritária – por si só é quase um feito revolucionário. Ao invés de implicar com o cidadão que procura uma terapia alternativa, por que não conversar com ele, conhecer sua experiência e – já que se tem certeza absoluta da superioridade – apresentar uma terapia mais eficaz. Por acaso o almofadinha cético já observou como a pessoa simples sai feliz quando é bem atendida por um serviço de saúde público? Se quiserem acabar com a pseudociência,

basta universalizarem as realizações da ciência que vocês tanto defendem.

Mas o ceticismo do cético não é tanto a respeito das pseudociências que combatem. É um ceticismo sobre a capacidade racional de seus interlocutores. É por isso que, no íntimo, ele não pode aceitar a democracia. O povo é um *gado* que precisa ser conduzido, não consultado, muito menos admitido nas esferas decisórias. É um povo que precisa ser interditado, castrado em suas escolhas. Qualquer depoimento do leigo que não confirme a verdade pregada pelo cético é imediatamente respondido com um barramento, uma desautorização.

Se o movimento contra as pseudociências se resumisse a isso, poderíamos considerá-lo inofensivo – nada mais que um grupo com opiniões sectárias que, por isso, está destinado ao isolamento. Ocorre que este é apenas o lado propagandista do movimento, que tem outro braço mais agressivo, que procura articular junto a autoridades a proibição de pseudociências.

Proibir serviços é retirar da população a possibilidade de escolher. É retirar um direito. Numa sociedade realmente movida pela vontade do povo, uma democracia, é absurdo imaginar que o povo escolheria privar-se de algo. É muito mais lógico supor que o povo ampliaria as possibilidade de escolha. Em casos de periculosidade comprovada, o povo construiria instâncias representativas, participativas, para determinar limitações. Em casos de abusos, as punições se dariam de maneira pontual e justificada, respeitando a discrição e as

etapas processuais. A preferência seria dada para uma abordagem restaurativa, não excludente ou exclusivista.

Encontramos o princípio inclusivista e não-corporativo no próprio Freud (1926), no parágrafo conclusivo de sua conferência sobre a análise leiga, defendendo que, ao invés de reprimir os psicanalistas não-médicos, se lhes oferecessem oportunidades de formação, convites para cooperação, o que elevar seu padrão ético e intelectual.

Freud experimentou isso em vida. Reclamava que a Áustria, berço da psicanálise, tinha uma elite médica hostil a ela. Foi a classe que rejeitou, de início, o trabalho freudiano, para pouco tempo depois, sem poder fechar os olhos para o prestígio da psicanálise, demandar leis tornando-a ofício exclusivo de médicos. As pressões monopolistas foram o padrão em todo o centro capitalista, e saíram mais ou menos vitoriosas conforme o caso, embora não tenham conseguido abolir por inteiro a dimensão laica da psicanálise.

Se levarmos a sério a história contada pelos céticos, chegaremos a conclusões esquizofrênicas. Nos EUA, a comunidade acadêmica que foi vanguarda científica em várias áreas durante o entre-guerras, inclusive o behaviorismo, ficou tão encantada com esse “modismo absurdo” chamado psicanálise que, antes mesmo de Freud pisar em solo norte-americano para enganar a todos, estavam reivindicando o direito exclusivo de praticá-la. Até meados do século passado, a psicanálise era predominante entre psiquiatras, tendo inclusive influenciado os dois primeiros DSMs.

Por algum passe de mágica, algumas décadas depois, segundo os inimigos de Freud, a comunidade científica relegou

a área ao completo descrédito. Não obstante, só a Associação Psicoanalítica Americana conta com 3 mil membros. A Associação Psicoanalítica Internacional, com 12 mil membros, é sediada na Inglaterra, não em um dos países "retrógrados" (Argentina, Brasil e França). São também aqueles dois países a sediarem os periódicos especializados em psicanálise com maior fator de impacto.

Há de fato declínio da presença psicanalítica nos artigos científicos em psicologia e psiquiatria, bem como nos currículos universitários e manuais desses cursos, concomitante à uma campanha permanente de demonização da mesma. Isso não impede que Freud tenha recebido 43 mil citações em periódicos de psicologia e psiquiatria nos últimos 65 anos. Estima-se que isso signifique o triplo do que recebeu Charles Darwin, e seis vezes mais do que William James. Será que é mesmo o caso de caracterizá-lo como um pensador desprestigiado? Sua presença cresceu, nas últimas décadas, nas publicações de cursos relacionados às humanidades, ciências sociais, filosofia, linguística e artes. Em levantamento recente, 85% das disciplinas de psicanálise oferecidas por universidades estadunidenses estão *fora* dos departamentos de psicologia, com destaque para a abordagem lacaniana (Redmond & Shulman, 2015; Yakushko, 2023; Yeung, 2021).

Enquanto a pressão é grande para expurgar a psicanálise do campo da saúde mental, ela se reinventa na intersecção com outras áreas. Uma miscigenação com potencial para fortalecer a psicanálise *enquanto crítica social*, bem como seu lugar de prática leiga, não exclusiva a psicólogos e psiquiatras. E o pai da psicanálise não está sendo sepultado, como querem os antifreudianos. Sua presença nos periódicos

de psicanálise tem aumentado, pois não estamos tratando de um saber que pode ser transmitido por manuais, de maneira puramente técnica e a-histórica.

3.7 Que capotagem! A pseudovitimização dos algozes.

Os tiros da metralhadora giratória cética teimam em sair pela culatra. A atual geração de céticos brasileiros manifesta surpresa sobre a hostilidade que recebem de colegas, depois que iniciam a cruzada contra pseudociências. Uma delas é Fernanda Landeiro (2022; Cortes da Mente, 2023a; 2023b; PBECast, 2023c; Gontijo, 2021b) que, em doutorado no Centro de Terapia *Cognitiva* de Oxford, aprendeu que psicanálise, gestalt, terapia junguiana, logoterapia etc merecem apenas pinceladas na cadeira de história da psicologia. Seu desconhecimento sobre o "fato" de serem abordagens ultrapassadas se explicava por ela ser brasileira.

Essa trajetória é comum nesse grupo. Fazem especializações na metrópole, em algum departamento comportamental radical, e voltam para o Brasil em busca de mercado. Talvez percebendo as diferenças culturais, tendo internalizado a mentalidade do colonizador, buscam o caminho da autoafirmação pelo embate, gerando indisposição com colegas e o público leigo.

Landeiro reclama estar sendo silenciada pelo Conselho de Psicologia. Isso não é verdade, já que os conselhos profissionais não têm tal poder e nem recorreram ao judicário para algum tipo de censura. Enquanto cidadã, a psicóloga continua podendo falar o que bem entender em seus canais. Ocorre que ele é filiada a um conselho de classe e, como tal, precisa respeitar regras *para manter a filiação.* O

Conselho Federal de Psicologia veda ao membro promover sua abordagem *em detrimento* à abordagem dos colegas, algo que Landeiro não sabe evitar, equiparando tal postura a “dizer que tudo é bom”. A psicóloga é recordista brasileira em declarações nas quais fala que TCC é superior a outras abordagens como gestalt, logoterapia, psicanálise, psicologia analítica etc.

Um exemplo análogo seria o psicólogo usar técnicas não autorizadas pelo Conselho, como astrologia e reiki. Não é incomum que o Conselho de Psicologia oriente sem filiado, quando queira utilizar procedimentos terapeuticos não reconhecidos, que o faça fora do consultório, em outro espaço, e não vincule a prática à psicologia. O conselho não está proibindo ou censurando, mas determinando o que não condiz com o título de psicólogo e com a imagem da psicologia. Quando Landeiro se apresenta como psicóloga, dá entrevistas como tal e usa seus canais profissionais para desqualificar o trabalho de outros colegas, não está violando o direito civil de se expressar, está fazendo algo *incompatível com o título* de psicólogo.

É mais ou menos como o jogador que pode ser expulso após falar mal da equipe para a qual joga. Sim, Landeiro, gostemos ou não, você pode descer a lenha no *coach*, num partido político, na Bíblia ou na biologia. Mas não exija ser aceita por um conselho de classe que representa, também, profissões de colegas que você insiste em falar mal.

Landeiro diz estar disposta a comer plasma de alienígena caso as evidências mostrem que isso é mais eficaz do que a TCC para a saúde mental. Talvez ela não tenha entendido que o título de psicólogo é uma autorização

corporativa, que não se guia por aquilo que Landeiro julga como evidências, mas pelos critérios consensuais à classe. Antes de migrar para o plasma de alienígena, Landeiro precisaria fazer pressão para que a prática fosse aceita por um conselho que representa a todos os psicólogos, ou então realizar sua terapia extraterrestre de maneira desvinculada da psicologia.

Para a psicóloga, isso significa que o debate científico está sendo tolhido, no Brasil. Mas Landeiro não está fazendo debate científico e, sim, propaganda corporativa. Ela inclusive deixa clara a vinculação forte entre seu pretenso debate científico e a promoção profissional, dizendo reiteradamente que adoraria que todas as abordagens da psicologia tivessem evidências, o que a estimularia a criar um curso de cada abordagem.

Embora reivindique para si a imagem de debatedora científica, Landeiro, igual a seus colegas céticos – com a honrosa(?) exceção de Clarice Ferreira – ainda não teve a hombridade de apresentar para periódicos científicos suas pesquisas sobre os defeitos da psicanálise e demais abordagens da psicologia, e a superioridade da TCC. Até pergunto se, caso o corpo de revisores de um periódico recuse artigo presunçoso de algum cético lacrador, estará tolhendo o debate científico ou apenas seguindo o padrão editorial da revista? Opcionalmente, o mínimo de profissionalismo recomenda que Landeiro chame quem é da área criticada para dar voz ao contraditório, se quiser se mostrar como debatedora científica. Ou se concentre nos méritos de sua área em vez de caluniar de maneira peremptória os campos de colegas que não estudou.

O caso de Landeiro exemplifica na prática uma possível consequência da militância cética. Anunciada como defesa da ciência, a postura conflituosa chega na associação de classe da psicóloga. Como seria um conselho de psicologia dominado por psicólogos evidencialistas? Que postura institucional adotariam em relação ao universo de áreas psicológicas que eles acusam tão peremptoriamente de pseudocientíficas ou sem evidências? Alguém duvida que uma pretensa "vítima de censura" como Landeiro censurariam e até pressionariam pelo descredenciamento os psicólogos que utilizassem áreas "sem evidências"? É desejável um conselho de classe que tenha a mesma postura unidisciplinar que a instituição onde Landeiro fez seu doutorado, relegando tantas áreas da psicologia a um passado histórico já superado?

A título de esclarecimento, Landeiro não é a única evidencialista a receber advertência de órgãos de classe. Pasternak vem colecionando notas de repúdio de associações de classe por suas atitudes. Além das cinco mencionadas no início deste trabalho, há também uma anterior, assinada conjuntamente pela Associação Brasileira de Medicina Diagnóstica, Câmara Brasileira de Diagnóstico Laboratorial, Sociedade Brasileira de Análises Clínicas e Sociedade Brasileira de Patologia Clínica (CBDL, 2022), rebatendo as alegações de ineficácia dos testes rápidos de covid que a microbiologista fez à imprensa.

Há quem semeie vento e colha tempestade. Há também quem crie corvos e tenha os olhos arrancados. Os céticos conquistam a primeira base de apoio entre classes "esclarecidas" que apreciam alfinetar as religiões. Em seguida, partem para os ataques à pseudociência. Insidiosamente,

tentam implantar sementes da discórdia em relação à psicanálise. Logo, as ervas daninhas já tomaram conta da diversidade que forma a psicologia. Tudo isso para a alegria da psiquiatria medicamentosa, fonte de lucro das farmaceuticas e do salário de alguns poucos psicólogos experimentais que não têm muito apreço pela clínica. Só tenho a dizer que o declínio da participação da psicanálise em currículos de psicologia prejudica, não à psicanálise, mas à própria psicologia, assim como disse o epidemiologista e presidente da Sociedade Estatística Real de Londres: “conferir a Freud o prêmio Nobel não vai acrescentar nada a sua reputação, mas talvez acrescente algo à reputação da Fundação Nobel.”

Embora as denúncias a órgãos de classe sejam importantes, elas não devem ser a principal estratégia da classe de psicólogos ou psicoterapeutas em geral. O grande tesouro das psicoterapias está em sua capacidade de sustentar a relação transferencial com o público. É na exposição pública de suas posições que os psicoterapeutas não apenas desmascaram a fanfarrice destes adversários como mantêm o canal de diálogo com a população. Um apelo a instituições produz manifestações que, além de costumeiramente frias, se excessivas, podem ser vistas como desiguais, colocando os algozes na posição de vítimas ou mártires de uma luta entre David e Golias.

3.7 Que autossabotagem! A pseudovanguarda elitista.

Até o “pseudocientista” mais amador sabe da importância do elo formado entre paciente e terapeuta. A vida ensina o que os cursinhos evidencialistas insistem em desensinar. O assunto está entre os mais importantes para os

psicanalistas, discutido sob o termo *transferência.* Na psicologia, a *aliança terapeutica* aparece entre os *fatores comuns* de sucesso às diversas abordagens psicológicas, *muito mais do que a escolha da abordagem em si* (ver p. ex. Isolan et al, 2008, texto bem conhecido dos psicólogos brasileiros). Tudo isso é tratado como dispensável, para os céticos, que sempre falam em nome de dados quantitativos, sem esclarecerem que dados são estes.

O mundo ideal dos céticos é feito por pessoas irreais. É um mundo no qual o cidadão não conversa com seus amigos sobre seus sofrimentos. Ele não pede indicação de terapeuta para o vizinho. Ele não se identifica emocionalmente com algum terapeuta após ouvir suas opiniões, ler um texto no jornal do bairro ou ver o cartão de visitas exposto em algum balcão. É um cidadão que bate à porta da associação de psicologia baseada em evidências pedindo: "Poderiam me indicar o psicólogo mais científico, de preferência a partir de metanálises e estudos randomizados padrão-ouro." Ou então: "Gostaria de ser consultado por um psicólogo especialista em falar mal de pseudociências."

O serviço de saúde, nesse mundo irreal que *leva a sério* a exigência dos céticos, é de caráter puramente burocrático. O paciente entra na fila e o atendente lhe direciona para o terapeuta. A disponibilidade de terapeutas não cabe a qualquer consulta popular. Ela é feita por um pequeno gabinete que se autointitula defensor de evidências, e que leva seus pareceres aos parlamentares e juízes. Um gabinete que acredita ser pequeno não pela impopularidade e pela defesa de uma ciência exclusivista, mas por fazerem parte de um pequeno grupo de iluminados. Basta interagir com seus participantes

para ver como se comportam igual membros de seitas na defesa de suas ideias: frases prontas, compreensão rasa, defesa arrogante e ar de donos da verdade.

O burocratismo aparece inclusive como último recurso, quando os céticos são confrontados com dados favoráveis às pseudociências. Tudo isso *pode* ser verdade mas *bons resultados não significam que tal prática religiosa ou pseudocientífica sejam ciências.* É uma admissão de que, acima de uma avaliação sobre os méritos de saberes e práticas, está o trabalho classificatório burocrática, a partir de um conceito pejorativo e excludente.

Não parece que esses céticos tenham algum projeto para dialogar com o grande público, outros profissionais e seus saberes. Sua abordagem é confrontativa. Será que acreditam numa "conversão de almas" com esse tipo de campanha? O que conseguirão é pregar para convertidos, fortalecendo e recrutando pessoas dispostas a reverberar seus discursos radicais e, como consequência disso, pressionar autoridades com suas exigências proibitivas. Ao preço de associarem a psicologia, notadamente de inclinação cognitiva-comportamental, com tal conduta impopular, assediadora e autoritária.

3.8 Que grilagem! O pseudoprogresso dos totalitários.

Na base da discussão sobre pseudociências está um ideal totalitário de ciência. Demarcacionistas, céticos e evidencialistas falam de uma ciência *sem sujeito,* o que é muito próprio de uma atividade ideológica, uma atividade que procura ocultar o sujeito por trás da ação. Falam de epistemologias bem ou mal fundamentadas, boas e más

evidências, verdades consensualmente aceitas. Mas quem as fundamenta? Quem avalia as evidências? Quem está incluído no consenso?

Os critérios apresentados por esses cientistas não são do tipo que se pode avaliar de maneira fácil e objetiva com um termômetro, balança ou régua. Todos deixam ampla margem para interpretação subjetiva. E os *sujeitos* que fazem tais interpretações não querem ver a si próprios, ou a seus financiadores, implicados no assunto. Se apresentam como o clero se apresentava na Idade Média, *representante* de Deus. Sua voz é um simples canal por meio do qual a Verdade das evidências – divinas, perfeitas, inquestionáveis – se manifesta. É uma versão moderna da infalibilidade dos papas.

A base dos cientistas não deixa de reverberar essa presunção, através da vontade compreensível de serem, eles próprios, os juízes de sua ciência. Uma ciência sem regulação externa, que fecha as portas para epistemologias estranhas. Quando procuramos o sujeito implicado na frase anterior, temos: *uma ciência que pertença a estes cientistas os quais, por sua vez, tenham poder para determinar quem e o que pode circular em seus domínios.* Uma ciência que não seja determinada por critérios políticos. Procurando, novamente, o sujeito da frase: *uma ciência cujos próprios cientistas sejam os únicos agentes políticos, e que não precisem prestar contas para quaisquer outros entes políticos da sociedade.*

Esse talvez seja um motivo por que o núcleo duro científico é normalmente hostil, não só à psicanálise (um saber leigo) como ao marxismo (um poder leigo). O marxismo é o programa que visa colocar a classe trabalhadora em

movimento, para que esta conquiste o controle dos meios de produção, inclusive, o controle da ciência, ditando, a partir daí, seus rumos. O cientista de hoje trabalha – consciente disso ou não – para a burguesia. Mesmo quando seja funcionário público, é contratado por um Estado controlado pela burguesia. Sua estabilidade funcional lhe dá razões para ser conservador, ou seja, desconfiar de uma mudança de regime, no qual ele passe a trabalhar para organizações de trabalhadores. Quando este dia chegar, a "curadoria" do trabalho científico estará nas mãos da população organizada, exatamente o oposto do que alguns oportunistas tentam fazer na atualidade.

Nas ditaduras burguesas (as chamadas *democracias*), o cientista ainda consegue fingir que faz ciência neutra, a qual é apenas uma ficção criada por uma classe que não deseja se revelar. Na ditadura do proletariado, a participação da população organizada na agenda científica desmascara o mito da ciência neutra e revela sua realidade – igual a de qualquer meio de produção – determinada por interesses políticos. Este será o único totalitarismo aceitável: um totalitarismo conduzido pela maioria, o exato inverso dos totalitarismos que conhecemos, das minorias poderosas.

Referências

ACUMEN (2014) 382 highly cited researchers (h>100) according to Google Scholar Citations.

Amaral, F. (2015) Studi preliminari su evidenze di pseudoscienza in coscienziologia. *Autoricerca*, 10, 75-103.

AMBH (2023, jun 23) Nota de repúdio.

APH (2023, jun 23) Nota de repúdio.

Azevedo, G. M. G. (2023, jul 23) Sobre as conclusões de Natalia Pasternak em seu último livro. *SBPSP.*

Barnes, B., & Mackenzie, D. (1979) On the role of interests in scientific change. In: Ray Wallis, *On the margins of science.* (pp. 237-270) University of Keele: Sociological Review Monograph, n. 27.

Barros, D. (2023, 2023, jul 24) Uma vela à ciência: Pasternak e a Cia. do Cientificismo LTDA. *Revista Rosa*.

Beyerstein, B. L. (1995). Distinguishing science and pseudoscience.

_____ (2001) Fringe psychotherapies: The public at risk. *The Scientific Review of Alternative Medicine 5*(2), 70-99.

Blumenthal, R. (2006, dez 24) Hotel log hints at illicit desire that Dr. Freud didn't repress. *The New York Times*.

Brand, C. (1993) Special review. *Behav. Res. Ther, 31*(1), 129-131.

Brusset, B. (2006) Une lecture du livre noir de la psychanalyse. *Revue Française de Psychanalyse, 2*(70), 571-582. doi: 10.3917/rfp.702.0571.

Brotherton, R., French, C. C., & Pickering, A. D. (2013) Measuring belief in conspiracy theories: the generic conspiracist beliefs scale. *Frontiers in Psychology, 4*(279), 1-15. doi: fpsyg.2013.00279

Bunge, M. (1983) What is pseudoscience? *Skeptical Inquirer, 9*, 36-46.

Burston, D. (2008) A very freudian affair: Erich Fromm, Peter Swales and the future of psychoanalitic historiography. *Psychoanalysis and History, 10*(1), 115-130. doi: 10.3366/E1460823508000068.

Canal da Lu Flor (2023, ago 25) Ciência ou pseudociência na psicologia – afinal, é bobagem? *Youtube.*

CBDL (2022) Nota de repúdio contra a declaração da microbiologista Natalia Pasternak – Roda Viva 29/06.

CFP (2022) Quem faz a psicologia brasileira?: Um olhar sobre o presente para construir o futuro. 2 vols. Brasília: Conselho Federal de Psicologia.

Collins, H. (1985) *Changing order: Replication and induction in scientific pracite.* London: Sage.

Collins, H. & Pinch, T. (1993) *The golem: What everyone should know about science*. Cambridge: Cambridge University.
Comporte-se (2022, fev 8) Entrevista: Diretoria da Associação Brasileira de Psicologia Baseada em Evidências.
Cortes da Mente (2023a, mai 11) Fora do Brasil não estudam mais psicanálise? Dra. Fernanda Landeiro. *Youtube*.
_____ (2023b, mai 12) Tratamento com psicanálise funciona? Dra. Fernanda Landeiro. *Youtube*.
Cultura Crítica (2023, ago 6) A ciência sem ciência em "Que bobagem" de Natalia Pasternak e Carlos Orsi. *Youtube.*
Diniz, J. B. (2023, jul 28) Outras bobagens: Livro de Pasternak e Orsi investe contra os adversários errados. *Folha de S. Paulo.*
Dunker, C. (2023, ago 8) Que bobagem, Pasternak? Livro falha em entender ciência. *Folha de S. Paulo.*
CREMEGO (2023, jun 21) Nota de repúdio: Cremego repudia declarações da bióloga Natalia Pasternak com ataques a especialidades médicas.
CREMERJ (2023, jun 26) Nota de repúdio.
CRM-ES (2023, jul 26) Conselho repudia ataques a homeopatas e acupunturistas.
Coker, R. (2001) Distinguishing science and pseudoscience.
Colman, A. (1972) 'Scientific' racism and the evidence on race and intelligence. *Race, 14*(2), 137-153. doi: 10.1177/030639687201400
Derksen, A. A. (1993) The seven sins of pseudo-science. *Journal for General Philosophy of Science, 24*, 17-42.
_____ (2001) The seven strategies of the sophisticated pseudo-scientist: A look into Freud's rhetorical tool box. *Journal for General Philosophy of Science, 32*, 329-350.
Dutch, S. I. (1982). Notes on the nature of fringe science. *Journal of Geological Education, 30*(1), 6–13. doi:10.5408/0022-1368-30.1.6
Elia, L. (2023) *A ciência da psicanálise: Metodologia e princípios.* São Paulo: Edições 70.
Estadão (2023a, set 20) Psicanálise é ciência ou pseudociência?
_____ (2023b, ago 9) Psicanálise é pseudociência? Funciona? Entenda disputa que colocou até a neta de Freud contra o avô.
Eysenck, H. J. (1985/2017) *Decline and fall of the Freudian empire.* New York: Routledge.
Fasce, A. (2017) What do we mean when we speak of pseudoscience? The development of a demarcation criterion based on the analysis of twenty-one previous attempts. *Disputatio, 6*(7), 459-488. doi:

Fasce, A. & Picó, A (2018) Conceptual foundations and validation of the pseudoscientific belief scale. *Applied Cognitive Psychology, 33*(4), 617–628. doi: 10.1002/acp.3501

Ferreira, C. M. C. (2021) Será a psicanálise uma pseudociência? Reavaliando a doutrina utilizando uma lista de multicritérios. *Debates em Psiquiatria*, *11*, 1-33. doi: 10.25118/2763-9037.2021.v11.58

Feyerabend, P. (1977) *Contra o método*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

Figueiredo, L. C. (2009) A psicanálise e a clínica contemporânea. *Contemporânea – Psicanálise e Transdisciplinaridade*, *7*, 9-17.

Filardi, B. (2023, ago 6) Livro de Orsi e Pasternak é filho do monstro chamado ciência. *Folha de S. Paulo.*

Freud, S. (1926/1976) A questão da análise leiga. *ESB*, (pp. 206-293). Rio de Janeiro: Imago.

Gallwey, P. (1987) Decline and fall of the Freudian empire. By Hans Eysenck. *The British Journal of Psychiatry, 151*(5), 713-713. doi:10.1192/S000712500028447X

Goldberg, L. & Elia, L. (2023, ago 7) Freud entre a polêmica, a leviandade epistemológica e a revolução. *Folha de S. Paulo.*

Gontijo, D. (2021a, mar 20) Psicanálise: Ciência ou pseudociência? *Youtube.*

_____ (2021b, nov 24) Psicanálise, ciência e pseudociência na psicologia. *Youtube.*

_____ (2023a, ago 6) Natalia Pasternak, Carlos Orsi e a repercussão explosiva de "Que Bobagem!". *Youtube.*

_____ (2023b, jul 30) Psicanálise, uma pseudociência carente de evidências? *Youtube.*

_____ (2023c, abr 24) Psicanálise é pior do que constelação familiar e homeopatia? *Youtube.*

_____ (2023d) Por que a psicanálise é uma pseudociência? *Superinteressante*.

Grove, J. (1985) Rationality at risk: Science against pseudoscience. *Minerva, 23*, 216-240. doi: 10.1007/BF01099943

Gruenberger, F. (1964) A measure for crackpots. *Science, 25*, 1413-1415. doi: 10.1126/science.145.3639.1413

Guimarães, E. (2023, ago 11) Um psicanalista lê Pasternak e Orsi. *Outras Palavras.*

Gieryn, T. (1983) Boundary-work and the demarcation of science from non-science: Strains and interests in professional ideologies of

scientists. *American Sociological Review, 48*(6), 781-795. doi: 10.2307/2095325
Greg News (11 set 2023) Greg News: Psicanálise. *HBO Brasil.* Youtube.
Hagbloom, S. J. et al. (2002) The 100 most eminent psychologists of the 20th century. *Review of General Psychology, 6*(2), 139-162. doi: 10.1037//1089-2680.6.2.139
Hansson, S. O. (1983) Vetenskap och ovetenskap. Stockholm: Tiden.
_____ (1991) Is antroposophy science? *Conceptus, 25*(64), 37-49.
_____ (1998) A case study of pseudo-science in occupational medicine. *New Solutions, 8*(2), 175-198.
_____ (2009) Cutting the gordian knot of demarcation. *International Studies in the Philosophy of Science, 23*(3), 237-243. doi: 10.1080/02698590903196007
_____ (2013) Defining pseudoscience and science. In: M. Pigliucci, & M. Boudry. *Philosophy of pseudoscience: Reconsidering the demarcation problem.* (pp. 61-77) University of Chicago.
_____ (2020) How not to defend science: A decalogue for science defenders. *Studia Humanitatis, 9*(13), 00-00.
_____ (2020) With all this pseudoscience, why so little pseudotechnology? *Axiomathes, 30,* 685-696. doi: 10.1007/s10516-020-09499-3
_____ (2021) Science and pseudo-science. *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*.
Hartley, M. (1990) *Breaking the silence*. New York: G. P. Putnam's Sons.
Inteligência Ltda. (2024) Psicanálise é pseudociência?
Intrieri, L. (2023) Em novo livro, Natalia Pasternak critica psicanálise e constelação familiar. *Terra.*
Isolan, L., Pheula, G. & Cordioli, A. V. (2008) Fatores comuns e mudança em psicoterapia. In: A. V. Cordioli, *Psicoterapias: Abordagens atuais.* 3. ed. (pp. 58-72). Porto Alegre: Artmed.
Kuhn, T. (1962/2013) *A estrutura das revoluções científicas.* 12 ed. São Paulo: Perspectivas.
Lakhani, C. M. et al (2019) Repurposing large health insurance claims data to estimate genetic and environmental contributions in 560 phenotypes. *Nat Genet, 51,* 327-34. doi:10.1038/s41588-018-0313-7
Landeiro, F. (2022, out 12) Querem censurar a psicologia baseada em evidências? *Youtube.*
Latour, B. (1993) *We have never been modern.* Cambridge: Harvard.

Latour, B. & Woolgar, S. (1979) *Laboratory life: The construction of scientific facts.* Princeton: Princeton University.

Laudan, L. (1983) The demise of the demarcation problem. In: R. S. Cohen & L. Laudan, *Physics, philosophy and psychoanalysis.* (pp. 111-127) Dordrecht: D. Reidel. doi: 10.1007/978-94-009-7055-7

Leonardi, J. L. (2023, ago 13) A ciência, a pseudociência e a psicanálise. *O Estado de Minas.*

Lerner, R. (2023, jul 24) Que bobagem é o negacionismo de evidências científicas abundantes sobre psicanálise e psicoterapias psicodinâmicas! *SBP-SP.*

Letrud, K. (2019) The Gordian knot of demarcation: Tying up some loose ends. *International Studies in the Philosophy of Science*, 1-9. doi: 10.1080/02698595.2019.1618031

_____ (2023) Incorrigible science and doctrinal pseudoscience. *International Studies in the Phylosophy of Science (35)*3-4, 269-278. doi: 10.1080/02698595.2023.2218264

Lilienfeld, S. O., Ammirati, R., David, M. (2012) Distinguishing science from pseudoscience in school psychology: Science and scientific thinking as safeguards against human error. *Journal of School Psychology, 50*, 7-36. doi: 10.1016/j.jsp.2011.09.006

Lilienfeld, S. O., Lohr, J. M., & Morier, D. (2001) The teaching of courses in the science and pseudoscience of psychology: Useful resources. *Teaching of Psychology, 28*(3), 182-191. doi: 10.1207/S15328023TOP2803_03

Lilienfeld, S. O., Lynn, S. J., & Lohr, J. M. (2015) Initial thoughts, reflections and considerations. In: S. Lilienfeld, S. J. Lynn & J. M. Lohr. *Science and pseudoscience in clinical psychology.* (pp. 182-191) New York: Guilford.

Lobato, E., Mendoza, J., Sims, V., & Chin, M. (2014) Examining the relationship between conspiracy theories, paranormal beliefs, and pseudoscience acceptance among a university population. *Applied Cognitive Psychology, 28*(5), 617-625. doi:10.1002/acp.3042

Maciejewski, F. (2008) Minna Bernays as “Mrs. Freud”: What sort of relationship did Sigmund Freud have with his sister-in-law? *American Imago, 65*(1), 5-21. doi: 10.1353/aim.0.0000

Makary, M. A., & Daniel, M. (2016). Medical error: The third leading cause of death in the US. *BMJ,* 353. doi: 10.1136/bmj.i2139

McNally, R. J. (2003). Is the pseudoscience concept useful for clinical psychology. *The Scientific Review of Mental Health Practice, 2*(2).

Manoel, J. (2023, ago 23) O que é ciência? Crítica à Natalia Pasternak. *Youtube.*
Marques de Lima, C. (2023, ago 13) Que Bobagem! mostra quanta bobagem pode ser dita em nome da ciência. *Jornal Opção.*
Meyer, C. (org.) et al. (1975/2005) *Le livre noir de la psychanalyse.* Paris: Les Arenes.
Molesworth, J. T. (2018) The pseudo-demarcation of pseudoscience. Tese de mestrado. Monash University.
Mulinari, F. (2023, ago 1) "Que bobagem!" desmascarado: A perspectiva filosófica que desafia Natalia Pasternak. *Youtube.*
O'Brien, M. T. (1991) Freud's affair with Minna Bernays: His letter of june 4, 1896. *The American Journal of Psychoanalysis, 51*(2), 173-184. doi: 10.1007/BF01252173
Oliveira, D. R. A. (2020, jun 25) Psicanálise: Muita conversa fiada, nenhuma ciência. *Questão de Ciência.*
Park, R. (2003, jan 31). Seven Warning Signs of Bogus Science. *The Chronicle of Higher Education.*
Pasternak, N. & Orsi, C. (2023) *Que bobagem! Pseudociências e outros absurdos que não merecem ser levados a sério.* São Paulo: Contexto.
PBECast (2023a, ago 7) "Que bobagem!", com Natalia Pasternak e Carlos Orsi. *Youtube.*
_____ (2023b, ago 12) Psicanálise, com Jan Leonardi. *Youtube.*
_____ (2023c, jun 1) Uma história de sucesso baseada em evidências, com Fernanda Landeiro. *Youtube.*
Pelosi, A. J. (2019) Personality and fatal diseases: Revisiting a scientific scandal. *Journal of Health Psychology.* 1-19. doi: doi.org/10.1177/1359105318822
Pilati, R. (2018) *Ciência e pseudociência: Por que acreditamos apenas naquilo em que [sic] queremos acreditar.* São Paulo: Contexto.
_____ (2020, jun 20) A psicanálise e o infindável ciclo pseudocientífico da confirmação. *Questão de Ciência.*
Pilgrim, D. (2023) Verdicts on Hans Eysenck and the fluxing context of British psychology. *History of Human Sciences, 36*(3-4), 83-104. doi: 10.1177/09526951221143888
Pimentel, D. (2023, ago 7) A quem interessa desqualificar a psicanálise? *JL Política.*
Pinheiro, R. A. (2023, ago 25) Psicanálise é pseudociência? Youtube.
Poder360. Petição de empresários contra investigação de Israel tem alta adesão.

Popper, K. (1957/1980) *Conjecturas e refutações.* Brasília: Editora da UnB.

Porto, A. A. et al. (2022) Religion, life satisfaction, and mental health. *Debates em Psiquiatria, 12,* 1-16. doi: 10.25118/2763-9037.2022.v12.450

Psicamente (2023, jul 31) Que bobagem Pasternak! Pseudocientistas que não merecem ser levados muito a sério. Youtube.

Redmond, J., Shulman, M. (2015) Access to psychoanalytic ideas in American undergraduate institutions. *Journal of the American Psychoanalytic Association, 56*(2), 391-408. doi: 10.1177/0003065108318639.

Ribeiro, S., Pereira, M. E. C. (2023, set 7) Psicanálise e ciência: Chega de bobagem. *Folha de S. Paulo.*

Roudinesco, E. (2011) *Freud: Mas por que tanto ódio?* Rio de Janeiro: Zahar.

Safatle, V. (2023, ago 25) Construindo polêmicas em direção a lugar algum. *Cult.*

Sater, H. (2023, ago 3) O Supremo Tribunal da Verdade Científica. *Outras Palavras.*

Sherman, C. (24 jan. 2024) React Duvier, quanta bobagem: Psicanálise, pseudociências, essencialismo, negacionismo, religião. *Youtube*

Sosu, E. M. (2012) The development and psychometric validation of a Critical Thinking Disposition Scale. *Thinking Skills and Creativity.* no prelo. doi: 10.1016/j.tsc.2012.09.002

Stolt, C. M. (2001) Why did Freud never receive the Nobel Prize? *Int Forum Psychoanal, 10*(3-4), 221-6. doi:10.1080/08037060152740142

Stone, M. H. (1994) Decline and fall of the Freudian empire, by H. J. Eysenck. *Am J Psychiatry, 151*(4), 609-609. doi: 10.1176/ajp.151.4.609

Stove, D. (2001). *Scientific irrationalism: Origins of a postmodern cult.* New Brunswick, NJ: Transaction Publishers.

Swales, P. (1982) Freud, Minna Bernays, and the conquest of Rome: New light on the origins of psychoanalysis. *The New American Review, 1*(2-3), 1-23.

Tobacyk, J. J. (2004) A revised paranormal belief scale. *International Journal of Transpersonal Studies, 23*(1), 94-98. doi: 10.24972/ijts.2004.23.1.94

TV GGN (2023, ago 31) Psicanálise é ciência? O que é ciência? O que é psicanálise? *Youtube.*

TV Unicamp (2023, ago 10) Carlos Orsi, coautor de "Que bobagem!", debate com o psicanalista Mário Eduardo Costa Pereira. *Youtube.*

Van Rillaer, J. (1985) *Las ilusiones del psicoanálisis.* Barcelona: Ariel.

Veja Saúde (2023, set 18) Freud & cia no divã: os debates atuais sobre a psicanálise.

Yakushko, O. (2023). The exclusion of psychoanalysis in academic and organized US psychology: On voodooism, witch-hunts, and the legion of followers. In: L. L. Michaels et. al. *Advancing psychotherapy for the next generation: Humanizing mental health policy and practice*. (pp. 78-99) Routledge.

Yeung, A. W. K. (2021) Is the influence of Freud declining in psychology and psychiatry? A bibliometric analysis. *Frontiers in Psychology, 12*. doi: 10.3389/fpsyg.2021.631516